

**“engoli a blackpill e deu porcaria”:
(Des)construção das masculinidades
de Celibatários Involuntários**

Mariana Domingues

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**“ENGOLI A BLACKPILL E DEU PORCARIA”: (DES)CONSTRUÇÃO DAS
MASCULINIDADES DE CELIBATÁRIOS INVOLUNTÁRIOS**

Mariana Gonçalves Domingues

Outubro 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia,
área de Psicologia da Justiça e da Desviância,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora
Doutora *Sara Isabel Magalhães* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Para o Afonso.

Agradecimentos

À Professora Doutora Sara Magalhães por ter sido fonte constante de alento e por toda a atenção e apoio prestados ao longo desta bonita trajetória.

À Clara, por ser a minha amiga de todas as horas. Obrigada pela confiança e paciência. Obrigada por todas as coisas que só nós entendemos (e que seja sempre assim).

Ao Afonso, por ter virado a minha vida do avesso. Para sempre grata por todos os momentos que passámos e por todos aqueles que pensámos vir um dia a partilhar.

À Joana, por ser a fiel companhia das mesas (e portas) do fundo e por todas as vezes que me conquistou com a sua serenidade e pragmatismo.

À Raquel, por me ter acolhido nos momentos mais difíceis e pelas doses de empoderamento diárias, que desculpam o sentido de humor duvidoso.

À minha família por acreditar em mim e por todas as oportunidades que me proporcionam. Obrigada por me empurrarem para todos os desafios. Um obrigada especial à avó, de quem sinto muitas saudades.

Por fim, ao Francisco que é a minha pessoa favorita no mundo inteiro. Obrigada por seres a melhor companhia nesta “montanha-russa emocional”.

Resumo

Os Incels ou Celibatários Involuntários são pessoas incapazes de estabelecer relações sexuais e/ou românticas. Uma vez que os estudos acerca das masculinidades de Incels ou Celibatários Involuntários são embrionários, sobretudo em contextos não anglo-saxónicos, a presente investigação tem como objetivo principal contribuir para o conhecimento sobre como homens Incels constroem e definem as suas masculinidades. Para esse efeito foram realizadas 9 entrevistas, no formato semiestruturado, a Incels e Ex-Incels com idades compreendidas entre os 19 e 28 anos, e procedeu-se à análise temática reflexiva (Braun & Clarke, 2019), emergindo seis temas: (1) ser homem aos olhos da sociedade, (2) Incel: uma identidade estigmatizante, (3) engolir a blackpill, (4) os efeitos do Inceldom, (5) misoginia e shit-posting, e (6) interpretações políticas da masculinidade. Estas temáticas denotam a necessidade de compreender melhor as relações de género na ótica de pessoas Incels.

Palavras-chave: Incels, Celibatários Involuntários, Análise Temática, Masculinidade Hegemónica, Masculinidades Híbridas

Abstract

Incels or Involuntary Celibates refers to those unable to establish sexual and/or romantic relationships. Since studies on the masculinities of Incels or Involuntary Celibates are still in their embryonic stages, especially in non-Anglo-Saxon contexts, the main aim of this study is to contribute to raise knowledge about how Incel men construct and define their masculinities. To this end, nine semi-structured interviews were conducted with Incels and Ex-Incels aged between 19 and 28, and a reflexive thematic analysis (Braun & Clarke, 2019) was carried out, emerging six themes: (1) being a man in the eyes of society, (2) Incel: a stigmatising identity, (3) swallowing the blackpill, (4) the effects of Inceldom, (5) misogyny and shit-posting, and (6) political interpretations of masculinity. These themes denote the need to better understand gender relations from the perspective of Incels.

Keywords: Incels, Involuntary Celibates, Thematic Analysis, Hegemonic Masculinity, Hybrid Masculinities

Resumé

Les incèles ou célibataires involontaires sont des personnes qui ne sont pas en mesure d'établir des relations sexuelles et/ou romantiques. Étant donné que les études sur les masculinités des Incels ou des Célibataires Involontaires en sont encore à leurs débuts, en particulier dans les contextes non anglo-saxons, l'objectif principal de cette étude est de contribuer à la connaissance de la manière dont les hommes Incels construisent et définissent leurs masculinités. À cette fin, neuf entrevues semi-structurés ont été menés avec des Incels et des Ex-Incels âgés de 19 à 28 ans, et une analyse thématique réflexive (Braun & Clarke, 2019) a été réalisée, faisant émerger six thèmes : (1) être un homme aux yeux de la société, (2) Incel : une identité stigmatisante, (3) avaler la pilule noire, (4) les effets de l'Inceldom, (5) la misogynie et le shit-posting, et (6) interprétations politiques de la masculinité. Ces thèmes soulignent la nécessité de mieux comprendre les relations de genre du point de vue des Incels.

Mots-clés : Incels, Célibataires Involontaires, Analyse Thématique, Masculinité Hégémonique, Masculinités Hybrides

Índice

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
MASCULINIDADE HEGEMÓNICA HÍBRIDA	2
INCELOSFERA	4
MASCULINIDADES NA INCELOSFERA	7
METODOLOGIA	10
OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO	10
PARTICIPANTES	10
PROCEDIMENTO DE RECOLHA DE DADOS	11
PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	12
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	13
1. <i>Ser homem aos olhos da sociedade</i>	14
2. <i>Incel: uma identidade estigmatizante</i>	17
3. <i>Engolir a blackpill</i>	20
4. <i>Efeitos do Inceldom</i>	24
5. <i>Misoginia e shit-posting</i>	25
6. <i>Interpretações políticas da masculinidade</i>	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXO 1. DIVULGAÇÃO DO ESTUDO	50
ANEXO 2. GUIÃO DA ENTREVISTA	51
ANEXO 3. CONSENTIMENTO INFORMADO	54
ANEXO 4. GLOSSÁRIO	55

Introdução

Considerando que as masculinidades são dependentes do contexto histórico-cultural, um corpo crescente da literatura tem-se concentrado na construção das masculinidades em ambientes digitais. Em particular, o advento da Internet deu origem às comunidades “Incel” (do inglês INvoluntary CELibate, em português Celibatário Involuntário¹), unidas em torno do fracasso sexual e/ou romântico, independentemente do género e da orientação sexual (Daly & Reed, 2022).

Deste então, estas comunidades tornaram-se predominantemente compostas por homens heterossexuais que se percebem como vítimas de uma sociedade hierarquizada em função da atratividade física, controlada por mulheres (Ging, 2019; Zimmerman, 2022). Estas esferas digitais são pautadas por retórica misógina e sexista (Chang, 2022; Jaki et al., 2019; Tranchese & Sugiura, 2021) e pela celebração da violência face a mulheres (Baele et al., 2023; Kelly et al., 2022). Porém, os Incels despertaram o interesse das esferas pública e académica devido ao seu envolvimento em violentos ataques, como o de Isla Vista, em 2014 (Cottee, 2021; Hoffman et al., 2020).

Deste modo, diversos estudos têm vindo a explorar as masculinidades contraditórias de Incels, apontando para o seu hibridismo (Ging, 2019; Glace et al., 2021; Halpin, 2022; Rothermel et al., 2022). Contudo, constatam-se lacunas ao nível da investigação, nomeadamente, o enfoque em contextos anglo-saxónicos e a escassez de estudos que privilegiam a realização de entrevistas com Incels (Czerwinsky, 2023). Neste sentido, esta investigação pretende contribuir para a compreensão de como homens Incels constroem as suas masculinidades em Portugal.

¹ Esta dissertação introduz um conjunto de novos vocábulos/neologismos pelo que se integrou um glossário (Anexo 4).

Enquadramento teórico

Masculinidade hegemónica híbrida

Um dos marcos incontornáveis no estudo das masculinidades é o trabalho de referência da socióloga australiana Raewyn Connell que, já desde os finais da década de 80, afastando-se dos discursos essencialistas até então vigentes, procurou desconstruir a ideia de uma masculinidade fixa e única. Face à multiplicação de formas de vivenciar a masculinidade, a autora deduz que não deveríamos falar em “masculinidade”, mas sim em “masculinidades”, hierarquicamente organizadas e inerentemente históricas (Connell, 2005). Deste modo, Connell (1987, 1995) acaba por cunhar, canonicamente, diversas formas de masculinidades: hegemónica, cúmplice, subordinada e marginalizada.

Recuperando o conceito gramsciano de hegemonia, a masculinidade hegemónica foi consagrada por Connell (1995, 2005) como a configuração atual de práticas de género que legitima relações de género desiguais entre homens e mulheres, entre masculinidade e feminilidade e entre masculinidades. Este modelo socialmente exaltado estaria associado a ideais de força, sucesso, competição, virilidade, violência, posse e poder, a par da desvalorização do feminino (Bento, 2015; Connell, 2005; Grave et al., 2020). Porém, a masculinidade hegemónica é, per si, inalcançável (Connell, 2005), sendo lida como um ideal regulador que se constrói e se alimenta através do social: “os homens são feitos, não nascidos” (Fausto-Sterling, 1997, p. 244). Neste sentido, a masculinidade hegemónica simboliza o referencial de acordo com o qual outras masculinidades são julgadas e avaliadas (Bento, 2015; Connell, 2005).

Uma vez que o género é sempre relacional (Connell, 1987, 1995; Messerschmitt, 2019), a masculinidade hegemónica é construída em relação à feminilidade enfatizada que é orientada para se acomodar aos interesses e desejos masculinos (Connell, 1987, 1995). Ainda, a masculinidade hegemónica é ascendente em relação a outras masculinidades: cúmplices, que beneficiam do sistema patriarcal, apesar de, em bom rigor, não incorporarem a masculinidade hegemónica; subordinadas, que são construídas como inferiores e desviantes face à masculinidade hegemónica, sendo exemplificadas por homens com expressões não normativas de masculinidade; e marginalizadas, que prescrevem uma forma de masculinidade discriminada em função de relações desiguais exógenas às relações de género, como a etnia e a classe (Connell, 1995, 2005; Messerschmidt, 2019; Messerschmidt & Messner, 2018). As formas de

masculinidade elencadas não constituem tipologias fixas, mas antes configurações de práticas construídas e, portanto, suscetíveis à mudança (Connell, 1995, 2005).

É inegável que a teoria professada por Connell (1987, 2005) trouxe a problemática das masculinidades para a primeira linha das discussões acadêmicas. Contudo, à medida que o conceito de masculinidade hegemónica começou a ganhar popularidade, passou também a ser aplicado de forma inconsistente com o seu significado original (Connell & Messerschmidt, 2005; Messerschmidt & Messner, 2018). Tal não somente conduz à representação da masculinidade hegemónica como uma lista estática de características que compõe um carácter fixo, o que fora desde cedo contestado por Connell (1995, 2005), como também impede a apreciação da qualidade mais perniciosa da hegemonia de género: a sua elasticidade (Bridges & Pascoe, 2018).

Neste contexto, surgem as masculinidades híbridas – também conhecidas por masculinidades hegemónicas híbridas (Aboim, 2017; Bridges & Pascoe, 2014, 2018; Demetriou, 2001). O conceito de masculinidades híbridas partiu de limitações analíticas apontadas à teorização de Connell (1995). Na ótica de Demetrakis Demetriou (2001), existem duas formas de hegemonia: a externa, referente à institucionalização da dominação dos homens sobre as mulheres; e a interna, centrada na ascendência social de um grupo de homens sobre os restantes homens. Para o autor, a conceptualização da hegemonia interna de Connell é elitista, desconsiderando os impactos das masculinidades subordinadas e marginalizadas na construção do modelo hegemónico (Demetriou, 2001). Assim sendo, o conceito de masculinidade hegemónica caracterizado pelo distanciamento simbólico das masculinidades subordinadas (Connell, 1995, 2005) não permitiria explicar o modo como homens heterossexuais adotam as estéticas e práticas de homens homossexuais (Demetriou, 2001). Segundo Demetriou, tal é incompatível com a definição gramsciana de “hegemonia”, interpretada como o processo “dialético que envolve reciprocidade e interação mútua entre a classe que lidera e os grupos que são liderados” (Demetriou, 2001, p. 345). Baseando-se no trabalho de Bhabha (1994) sobre apropriação e mimetismo, Demetriou (2001) propõe que a masculinidade hegemónica deve ser compreendida como um “bloco masculino hegemónico” capaz de se apropriar “do que parece pragmaticamente útil e construtivo para o projeto de dominação num determinado momento histórico” (p. 345).

De acordo com Tristan Bridges e Cheri Jo Pascoe (2014), as masculinidades híbridas simbolizam a “incorporação seletiva de elementos de identidade tipicamente associados a várias masculinidades marginalizadas e subordinadas e – às vezes –

feminilidades, e em performances e identidades de gênero de homens privilegiados” (p. 246), funcionando como uma lente que procura dar sentido às transformações contemporâneas na masculinidade. Ainda que aparentemente transgressoras, as masculinidades híbridas sustentam a desigualdade mediante três mecanismos “relacionados, mas distintos” (Bridges & Pascoe, 2018, p. 261): o *distanciamento discursivo* face a sistemas existentes de privilégio, ao mesmo tempo que se alinham, ainda que subtilmente, com os mesmos; o *empréstimo estratégico* de Outros socialmente subordinados, assimilando símbolos, estéticas e práticas, sem que tal afete a expressão hegemónica da masculinidade; e, como consequência tácita, o *fortalecimento de fronteiras sociais e simbólicas* entre grupos, de formas historicamente novas (Bridges & Pascoe, 2014, 2018).

Sendo assim, as masculinidades híbridas contribuem para a legitimação e ocultação da dominação patriarcal. Este processo está de acordo com o que a académica Reva B. Siegel (1997) denominou de “preservação por meio da transformação” (p. 1113), que preconiza que as práticas que perpetuam desigualdades sociais podem sofrer drásticas transformações sem modificar os sistemas de poder em vigor.

Incelosfera

Incels definem-se pela incapacidade de ter relações sexuais e/ou românticas, apesar de o desejarem (Preston et al., 2021). O termo “Incel”, derivado de “Celibatário Involuntário”, foi cunhado por Alana, uma mulher queer que, na década de 90, criou um website que visava a partilha de experiências sobre o fracasso sexual e/ou romântico entre pessoas em circunstâncias idênticas, independentemente do seu gênero e orientação sexual (DeCook & Kelly, 2022). Contudo, a comunidade Incel, maioritariamente constituída por homens heterossexuais, tem vindo a ganhar contornos muito distintos do seu propósito inicial (Sugiura, 2021b).

Durante largos anos, os Incels operaram despercebidos da esfera pública, confinados aos recessos da Manosfera, que engloba um espectro de comunidades diversas, como os Men’s Rights Activists (MRAs), Men Going Their Own Way (MGTOW) e Pick-Up Artists (PUAs), às quais se vão juntando novas famílias com uma agenda política antifeminista (Lilly, 2016). A manosfera é unida pela crença de que o mundo se tornou num lugar desordenado, incompreensível e incognoscível para a maioria dos rapazes e homens (Bujalka et al., 2022). Os avanços feministas seriam, assim, responsáveis pela elevação das mulheres a uma classe privilegiada, em

detrimento dos homens (Carian, 2022), e pela consequente “crise da masculinidade” (Eddington et al., 2023; Lacalle et al., 2023).

Para navegar estes dilemas, os grupos da manosfera coalescem em torno da filosofia da Redpill, inspirada no filme *The Matrix*, no qual Morpheus oferece ao protagonista, Neo, a opção de tomar um de dois comprimidos (pílulas): a pílula azul, que permite regressar à sua vida antiga insatisfatória, ou a pílula vermelha, que o elucida para a realidade (O’Malley et al., 2022; Puhmann & Schlaerth, 2023). Esta decisão entre a ignorância e o esclarecimento é apropriada pela manosfera para representar na redpill o despertar dos homens para a “misandria e lavagem cerebral do feminismo” (Ging, 2019, p. 3) e alegada natureza manipuladora das mulheres (Czerwinsky, 2023).

Todavia, os Incels ocupam uma posição muito distinta na paisagem ideológica da manosfera (Baele et al., 2021). De acordo com a sua visão do mundo, a sociedade é rígida e hierarquicamente estruturada em função da aparência física, estabelecendo-se três grupos: Chads e Stacys, Normies e Incels (Zimmerman, 2023). No topo da hierarquia, encontramos o Chad e a Stacy, que simbolizam o epítome da beleza (Menzie, 2022). No patamar abaixo, os Normies contemplam pessoas de “aspeto mediano” que conseguem relacionar-se sexual e/ou afetivamente. Por fim, os Incels encontram-se na base da hierarquia, sendo excluídos de relacionamentos sexuais e/ou românticos (Zimmerman, 2022). Os Incels concebem esta hierarquia como imutável, orientando-se por uma filosofia altamente niilista e fatalista: a Blackpill (Cottee, 2021; Daly & Reed, 2022).

Esta natureza incontestável da realidade é suportada pela crença no determinismo biológico e interpretações acríticas dos campos da psicologia evolutiva, pautadas por juízos de valor e estereótipos racistas e sexistas (Bachaud & Johns, 2023; Ging, 2019; Vallerga & Zurbriggen, 2022). Neste contexto, são frequentes explicações acerca dos comportamentos sexuais das mulheres, descritas como hipergâmicas, isto é, que almejam parceiros sexuais com um valor elevado no “mercado sexual” (Lacalle et al., 2023; Preston et al., 2021; Solea & Sugiura, 2023).

Impossibilitados de participar neste “mercado sexual”, os Incels posicionam-se como observadores racionais de uma situação extremamente injusta (Andersen, 2023), adotando uma abordagem coloquialmente definida como “hope, cope, and rope” (Sparks et al., 2022; Zimmerman, 2023). Assim, os Incels procuram melhorar as suas circunstâncias através de técnicas de autoaperfeiçoamento, como frequentar o ginásio e

efetuar procedimentos cirúrgicos (“hope”); conformam-se com a situação e implementam mecanismos de coping (“cope”); ou, ainda, renunciam a todas as estratégias e optam por “LDAR” (lay down and rot), o que pode, no seu extremo, culminar no suicídio (“rope”). Ainda que a maioria dos membros das comunidades não seja violenta (Helm et al., 2022; Jaki et al., 2019), alguns Incels defendem a violência retaliatória contra os seus “inimigos” (Zimmerman, 2022). Neste sentido, os Incels ganharam notoriedade fruto do envolvimento em violentos massacres, como o de Isla Vista, na Califórnia, em 2014 e os subsequentes ataques nele inspirados (Cottee, 2021; Hoffman et al., 2020).

Partindo da premissa de que a violência online contra as mulheres integra o *continuum* de violência mais vasto (Kelly, 1987), também a retórica misógina que prolifera na Incelosfera tem despertado o interesse acadêmico. Consistentemente, as mulheres são retratadas como desonestas, irracionais, imorais e pouco inteligentes (Chang, 2022; Jaki et al., 2019; Solea & Sugiura, 2023). O jargão refinado inclui diversas metáforas com o propósito de sustentar a alegada promiscuidade (e.g., “roasties”) (Jaki et al., 2019; Pelzer et al., 2021; Tranchese & Sugiura, 2021) e natureza animalésca das mulheres (Pražmo, 2020; Scotto di Carlo, 2023), com conotações racistas (Bogetić, 2023; Halpin et al., 2023). Além disso, as comunidades são pautadas pela glorificação da violência sobre as mulheres (Baele et al., 2023; Kelly et al., 2022) e pela participação em campanhas de assédio online (DeCook & Kelly, 2022). Ainda assim, a linguagem vitriólica capturada pela investigação pode ser mobilizada deliberadamente para provocar a audiência, mediante o *shit-posting* (Daly & Nichols, 2023; Daly & Reed, 2022).

Também nas comunidades surgem discussões preocupantes que levantam questões acerca da saúde mental de Incels. Nas entrevistas conduzidas até à data, os Incels relataram experiências de bullying, traumas e ansiedade social (Daly & Reed, 2022; Regehr, 2022; Sugiura, 2021a). De acordo com os questionários efetuados, os Incels apresentam taxas elevadas, formais e autodiagnosticadas, de ansiedade, depressão, perturbação bipolar, perturbação de stress-pós-traumático (PSPT) e neurodiversidade, comparativamente à população geral (Costello et al., 2022; Moskalenko et al., 2022; Sparks et al., 2022, 2023; Speckhard & Ellenberg, 2022). No estudo de Hintz e Baker (2021), Ex-Incels discutiam o modo como os problemas de saúde mental, o abuso de substâncias e perturbações de personalidade contribuíram para o seu Inceldom. Já as análises dos fóruns ilustram a rejeição e a ostracização, a solidão e

o desespero, saliente na discussão da ideação suicida e/ou de planos para colocar termo à própria vida (Daly & Laskovtsov, 2021; Daly & Reed, 2022; Glace et al., 2021; Maxwell et al., 2020; Puhmann & Schlaerth, 2023). Não obstante a prevalência de problemas do foro psicológico, observa-se uma reticência em aderir à psicoterapia por considerarem que é impossível alterar as suas circunstâncias (Moskalenko et al., 2022; Speckhard & Ellenberg, 2022).

Concomitantemente, a misoginia online é retratada ora como um sintoma da doença mental de uma minoria de pessoas, ora como produto do anonimato e das câmaras de eco digitais (Carian et al., 2023; Frounfelker et al., 2023; Regehr, 2022). Porém, os estudos feministas têm procurado combater estas narrativas simplistas, sublinhando que a misoginia online deve ser interpretada como um fenómeno complexo, com ligações à conjuntura socioeconómica e aos sistemas de opressão mais amplos (Ging & Siapera, 2018; Tranchese & Sugiura, 2021). Deste modo, o trabalho inovador de Kate Manne (2017) é particularmente relevante, definindo a misoginia como “o sistema que opera dentro de uma ordem social patriarcal para policiar e impor a subordinação das mulheres e manter a dominação masculina” (p. 13). A misoginia online não deve ser entendida como um sentimento, mas como um meio de punir as mulheres que não encaixam nos moldes do cisheteropatriarcado (Manne, 2017).

Masculinidades na incelosfera

As masculinidades complexas e contraditórias dos Incels têm sido foco de algum debate académico. No seu artigo pioneiro, Debbie Ging (2019) propôs que discursos hegemónicos na manosfera podem ser interseccionados por narrativas de vitimização. Deste modo, ao posicionarem-se, estrategicamente, como vítimas do feminismo e do politicamente correto, é lhes permitido desvirtuar a atenção das suas posições de poder e privilégio na sociedade, enquanto contribuem para a sua perpetuação (Ging, 2019).

Suportando este argumento, Glace e colaboradoras (2021) sugeriram que os usuários do r/Braincels performatizam masculinidades híbridas, afastando-se da masculinidade hegemónica e, simultaneamente, participando no policiamento de homens não Incels de acordo com os padrões hegemónicos. Ainda, os Incels parecem posicionar-se abaixo de grupos marginalizados e oprimidos, apropriando-se da linguagem da justiça social para darem conta das suas circunstâncias (Glace et al., 2021). Em entrevistas com 8 homens Incels, Daly e Reed (2022) constataram que os participantes se confrontavam com desafios relacionados à masculinidade, considerando

que o seu aspeto físico, problemas de saúde mental e personalidade constituíam obstáculos à iniciação de um relacionamento. Consequentemente, os entrevistados recorriam a práticas que sustentam os ideais da masculinidade hegemónica, nomeadamente a realização de cirurgias plásticas e o turismo sexual (Daly & Reed, 2022). Em concordância, Menzie (2022) observou que os Incels constroem a sua masculinidade marginalizada em referência ao Chad, que incorpora a forma idealizada de ser homem que nunca conseguirão alcançar. Mais recentemente, numa etnografia no site Incels.is, Thorburn e colaboradores/as (2023) concluíram que os Incels cultivam uma identidade híbrida de “truecel” (“incel verdadeiro”), caracterizada pela rejeição da hipermasculinidade e, em simultâneo, pela superioridade face a outros homens, que seriam explorados emocional e financeiramente pelas suas parceiras, bem como face às mulheres, cujos comportamentos consideram ser biologicamente pré-determinados.

O conceito adjacente de “aggrieved entitlement”, proposto por Michael Kimmel (2013), é igualmente útil para compreender a atração de certos rapazes e homens por visões misóginas. Os Incels acreditam que estão a ser injustamente negados ao acesso ao corpo e trabalho emocional das mulheres (Baele et al., 2021; Cottee, 2021; Thorburn et al., 2023; Vito et al., 2017), o que resulta num sentimento de “aggrieved entitlement” (Kimmel, 2013). Por conseguinte, tal como Kalish & Kimmel (2010) referem, o “*aggrieved entitlement* inspira a vingança contra aqueles que te prejudicaram; é a compensação pela humilhação” (p. 454). Importante notar que, para Kimmel (2013, p. 75), o “aggrieved entitlement” é uma “emoção genderizada”, uma vez que os homens, incapazes de incorporar os ideais hegemónicos, são mais propensos a descarregar a sua agressão de forma violenta em conformidade com as normas de género.

Outro corpo da literatura tem-se dedicado à análise da vitimização como um aspeto nuclear da narrativa dos Incels (García Mingo & Díaz Fernández, 2022; Gheorghe & Clement, 2023; Lounela & Murphy, 2023; Solea & Sugiura, 2023). Em particular, alguns estudos documentam o modo como Incels utilizam a sua alegada subordinação e marginalização como arma para legitimar a misoginia (Gheorghe, 2023; Halpin, 2022; Halpin et al., 2023; Kelly & Aunspach, 2020; Rothermel et al., 2022). Um contributo de enorme relevância é o trabalho de Ann-Kathrin Rothermel e colaboradoras (2022) que, examinando as masculinidades híbridas da manófera, descrevem o modo como os Incels se posicionam como vítimas dos ideais hegemónicos devido aos seus traços físicos e de personalidade e, concomitantemente, advogam a monogamia forçada, a abolição do sufrágio universal e a violência sobre as pessoas que

lhes “negaram” o acesso a relações sexuais e/ou românticas. Desta forma, o afastamento simbólico das prescrições hegemônicas não conduz à sua problematização, mas antes encoraja o retorno a antigas hierarquias de poder (Rothermel et al., 2022). Similarmente, Michael Halpin (2022) demonstra como, através de práticas híbridas, os Incels se posicionam como subordinados, “homens falhados”, para justificar a violência interpessoal e sistêmica contra as mulheres. Não obstante, o autor considera que os Incels não se distanciam estrategicamente da hegemonia; pelo contrário, adotam uma orientação hegemônica (Halpin, 2022).

Face a esta literatura, parece-nos que o hibridismo é uma ferramenta crucial para a construção das masculinidades de Incels. Porém, a adoção de traços não hegemônicos não os torna mais inclusivos. Contrariamente, reforça a subjugação de mulheres e de outros homens não conscientes da “verdade” acerca das relações de género.

Metodologia

Objetivos de investigação

Uma vez que as investigações acerca das masculinidades de Incels são embrionárias, sobretudo em contextos não anglo-saxónicos, o presente estudo tem como objetivo principal contribuir para o conhecimento sobre como homens Incels constroem e definem as suas masculinidades em Portugal.

Participantes

Participaram neste estudo 9 homens, dos quais 6 se identificam como Incels e 3 se identificam como Ex-Incels, com idades compreendidas entre os 19 e os 28 anos.

Foram definidos os seguintes critérios de seleção da amostra: a autoidentificação (prévia ou atual) como Incel, a identificação com o género masculino (cisgénero), ter idade igual ou superior a 18 anos, ter nacionalidade portuguesa ou residir em Portugal há 10 ou mais anos. A opção por estudar homens cisgénero partiu da importância de analisar as possíveis desconstruções dos poderes hegemónicos em corpos cisgéneros, socialmente prescritos como normativos.

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos participantes

	Auto-identificação	Idade	Residência	Orientação Sexual	Escolaridade	Empregabilidade
E1	Ex-Incel	26	Rural	Heterossexual	-	Desempregado
E2	Ex-Incel	26	Rural/Urbano	Heterossexual	-	Empregado
E3	Incel	26	-	Heterossexual	Licenciatura	Empregado
E4	Incel	25	Urbano	Heterossexual	Mestrado	Empregado
E5	Ex-Incel	22	Urbano	Heterossexual	Licenciatura	Empregado
E6	Incel	23	Vila	Heterossexual	Equivalência a Licenciatura	Empregado
E7	Incel	28	Urbano	Heterossexual	Licenciatura	Empregado
E8	Incel	19	Urbano	Maioritariamente heterossexual	-	Desempregado
E9	Incel	25	Urbano	Heterossexual	Mestrado	Empregado

O processo de recrutamento dos entrevistados ocorreu nas plataformas Reddit, Twitter (atual X) e Instagram, sendo que 6 participantes foram selecionados via Reddit² e 3 participantes foram selecionados através do Instagram.

Na divulgação (Anexo 1), os usuários foram instruídos a enviar mensagem direta para a conta do projeto, caso acreditassem ser elegíveis e demonstrassem interesse em participar no estudo. As conversas por mensagens diretas foram usadas para responder a dúvidas acerca da investigação, esclarecer questões relativas à confidencialidade e anonimato e agendar entrevistas.

Procedimento de recolha de dados

Partindo do paradigma social construcionista que orienta este estudo, parece-nos adequada a escolha de metodologias de investigação qualitativas para acedermos aos significados, discursos e construções dos sujeitos (Braun & Clarke, 2013), sobretudo tratando-se de uma temática menos explorada.

Esta investigação privilegiou o recurso a entrevistas semiestruturadas, que permitem que a pessoa entrevistada desenvolva as suas perspetivas e perceções acerca do fenómeno em análise, para além de conceder uma maior flexibilidade à pessoa investigadora. A elaboração do Guião orientador (Anexo 2) deu-se após a revisão bibliográfica dos conteúdos centrais do estudo. Todas as entrevistas foram iniciadas com o preenchimento de um consentimento informado para a participação na investigação (Anexo 3). Este documento contém informações sobre o estudo, assim como também a garantia de confidencialidade e sigilo no que diz respeito à recolha e análise dos dados. Foi, ainda, dada a opção de escolher um pseudónimo a cada participante, assegurando-lhes a máxima proteção da sua privacidade, o que é particularmente relevante devido ao ceticismo de Incels face a pessoas investigadoras (Andersen, 2023).

² A investigação empírica tem vindo a privilegiar o Reddit como fonte para o recrutamento de participantes, uma vez que permite aceder a populações de difícil alcance (Zapcic et al., 2023). O Reddit é uma plataforma constituída por fóruns onde as pessoas usuárias podem publicar textos, imagens ou links externos, além de interagir com outras pessoas através de comentários e mensagens diretas. Esta plataforma destaca-se pelo seu sistema de votação que permite às pessoas usuárias atribuir votações positivas ou negativas às publicações ou comentários, determinando a sua visibilidade para as restantes pessoas (Massanari, 2017). Neste sentido, as potencialidades da plataforma podem ampliar ou, pelo contrário, restringir o alcance do recrutamento de participantes. Adicionalmente, alguns subreddits podem não desejar participar nas etapas de recrutamento por receio de repercussões, desejo de manter o anonimato, oposição a serem estudados, entre outros motivos (Zapcic et al., 2023).

Três das entrevistas foram efetuadas através da plataforma Zoom, tendo sido solicitado aos participantes a devida autorização para a gravação do áudio. As restantes seis entrevistas foram conduzidas na plataforma Reddit, através de mensagens diretas, e estenderam-se ao longo do tempo.

A recolha de dados cessou devido a dificuldades em aceder a novos participantes, bem como a limitações temporais.

Procedimento de Análise de dados

O procedimento utilizado para a análise dos dados foi a Análise Temática Reflexiva (Braun & Clarke, 2019).

A análise obedeceu às seis fases propostas por Braun e Clarke (2006, 2013). Deste modo, uma vez realizadas as entrevistas, procedeu-se à Familiarização com os dados (1), através da transcrição das entrevistas e consequente leitura e releitura dos dados. De seguida, passou-se à Produção dos códigos iniciais (2) relevantes face ao objetivo da investigação. Na terceira etapa, designada de Construção de temas (3), os diversos códigos foram agrupados em unidades maiores de análise, de modo a refletir e descrever um padrão coerente e significativo dos dados recolhidos. Posteriormente, com a Revisão dos temas iniciais (4), procurou-se verificar se os temas funcionam face aos dados, o que culminou na construção do mapa temático da análise. Na quinta fase, passou-se à Definição e nomeação dos temas (5). Por fim, os resultados encontrados foram organizados e registados em formato escrito, com o recurso a excertos ilustrativos – Redação do relatório (6). Embora as seis fases estejam organizadas numa ordem sequencial lógica, a análise não é um processo linear, mas sim recursivo e iterativo, marcado por diversos avanços e recuos (Braun & Clarke, 2021).

Análise e Discussão dos Resultados

Partindo da análise temática, foram identificados seis temas principais que sintetizam os padrões de significados codificados de acordo com os testemunhos dos participantes, nomeadamente: (1) *Ser homem aos olhos da sociedade*, (2) *Incel: uma identidade estigmatizante*, (3) *Engolir a blackpill*, (4) *Os efeitos do Inceldom*, (5) *Misoginia e shit-posting*, bem como (6) *Interpretações políticas da masculinidade*.

As relações temáticas foram estabelecidas em torno de um organizador central: “As relações de género”, uma vez que embora os estudos das masculinidades tenham permitido avançar além do essencialismo biológico, a compreensão social mais generalizada mantém-se de que as relações de género são, essencialmente, “naturais” e binárias. A centralidade deste tema prende-se também com o facto da blackpill oferecer, por si própria, um entendimento essencialista destas relações de género, deixando pouco espaço para a mudança ou progresso (Messerschmidt, 2018); mesmo que, na sua perspetiva, as mudanças nas relações de género consistam no maior controlo das mulheres sobre a seleção dos seus parceiros sexuais e justifiquem esta sua subordinação.

Figura 1: Mapa temático



1. Ser homem aos olhos da sociedade

A partir da análise, percebemos que os entrevistados sentem pressões para corresponder a uma masculinidade idealizada pela sociedade. É a masculinidade hegemónica, a masculinidade modelo, que estabelece padrões a partir dos quais os homens são julgados e avaliados (Bento, 2015; Connell, 2005). Não obstante compreenderem as expectativas em torno dos cânones hegemónicos, os participantes consideram, de forma variável, que não correspondem às expectativas da masculinidade hegemónica e/ou rejeitam as pressões para se conformar à mesma.

Sentir pressões para aderir à masculinidade hegemónica

Os entrevistados revelam sentir pressões para se conformarem a um ideal hegemónico, reconhecendo que os homens que não se encaixam nestes moldes se confrontam com desafios acrescidos, ainda que a incorporação dos ideais hegemónicos apresente perigos.

Ao longo das entrevistas, torna-se evidente que os participantes desejam participar em relacionamentos afetivos “*genuínos*”. Em algumas das circunstâncias, esse desejo surgiu e foi reforçado precocemente, à semelhança do encontrado por Gansen (2017), estendendo-se desde a infância até à fase adulta. Em consonância, o discurso popular supõe que a idade adulta madura e saudável deve abarcar o envolvimento em relacionamentos românticos e sexuais (Tillman et al., 2019). Com efeito, os entrevistados sentem-se pressionados, particularmente pela família e grupo de pares, a estar num relacionamento romântico (heterossexual).

Um outro aspeto saliente nas narrativas, dada a sua relevância para a identidade Incel, é o modo como a virilidade pode ser instrumentalizada de modo a afirmar a masculinidade (Bento, 2015; Grave et al., 2020). O envolvimento em relações (hetero) sexuais é, então, crucial para a validação da masculinidade (Murray, 2018; Schrock & Schwalbe, 2009). Deste modo, os participantes compreendem que não é apenas esperado que se relacionem com mulheres, mas também que o façam de forma compulsiva.

“Até porque é muito importante para um homem a habilidade masculina...por exemplo, vês dois rapazes. Sabes que um rapaz não tem tanto jeito para conseguir estar com raparigas, nunca teve uma namorada. E o outro rapaz surge todos os dias com uma namorada nova, consegue ter sexo com carradas de raparigas. A sociedade, especialmente a portuguesa, olha para o segundo rapaz, que conseguiu imensas raparigas, como “o maior” e o outro que chore mais, que se desenrasque.” (E1, Ex-Incel)

Contrariamente, a virgindade é vista como um atributo estigmatizante que representa uma ameaça à masculinidade (Vandello et al., 2008). Por conseguinte, é aplicado o policiamento sobre estes corpos masculinos e, inclusive, a coerção para a perda da virgindade, sobretudo por parte de pares e familiares (Duckworth & Trautner, 2019). Inclusive, a virgindade dos entrevistados parece motivar o questionamento da sua orientação sexual.

“[...] desde encontros familiares como os meus primos a perguntar pelas gajas e a perguntar se sou virgem, amigos de infância a perguntar o mesmo (...) e digo que sim e começa o gozo, ou perguntam se gosto de homens” (E3, Incel)

Para além disso, é esperado que os rapazes e homens compitam entre si para ganhar a atenção e o afeto das raparigas e mulheres, ostentando as suas conquistas sexuais (Bird, 1996). De acordo com os testemunhos, os homens incapazes de participar nestes atos de masculinidade são particularmente vulneráveis ao *virgin-shaming* (Fleming & Davis, 2018), entendido como o ato de menosprezar alguém mediante a sua virgindade.

É ainda interessante compreender que as relações sexuais ambicionadas nem sempre correspondem às expectativas (*“Senti-me como uma ferramenta. Do género, “está calado e faz aquilo que tens que fazer.”* – E2, Ex-Incel). Partindo-se da premissa de que *“o sexo, mesmo que indesejado, é um forte significante da masculinidade”* (Stern et al., 2015, p. 811), os entrevistados consideram que é esperado que os homens estejam dispostos a ter relações sexuais, sempre que a oportunidade suceda.

Por fim, e partindo da leitura da masculinidade como a desvalorização da esfera da feminilidade (Bento, 2015; Santos, 2015), constata-se que os participantes se sentem pressionados a renunciar à expressão emocional. Como ressalta Jansz (2000), a restrição da emocionalidade encerra um paradoxo: se, por um lado, a inibição dos sentimentos é um dos tenentes da masculinidade hegemónica (Connell, 2005), por outro lado, esta imposição afeta a saúde biopsicossocial dos homens. Adicionalmente, os entrevistados sugerem que foram ensinados a evitar demonstrações de afetos face a rapazes e homens.

“Foram incutidos a não mostrar fraqueza. No colégio também acontecia imenso isso. Eu genuinamente não consigo chorar, aquele choro em que a pessoa chega ao final e sente-se aliviada. Há anos... Quem me dera que acontecesse comigo.” (E2, Ex-Incel)

Não corresponder às pressões para aderir à masculinidade hegemónica

Face a este conjunto de pressões, e embora de forma variável, os participantes consideram que não correspondem às expectativas da masculinidade hegemónica.

Revelam ainda que, desde cedo, apresentavam características que os diferenciavam das formas apreciadas de ser rapaz na sociedade.

Nas suas perspetivas, o estatuto marginalizado entre pares e as fracas competências sociais fazem com que sejam percecionados como potenciais parceiros menos atrativos e, por conseguinte, incapazes de estabelecerem relações sexuais e/ou românticas, em consonância com a investigação (Daly & Reed, 2022; Gheorghe & Clement, 2023; Glace et al., 2021).

“Com os outros rapazes a fazerem-me bullying, a maltratar-me e a andar à porrada comigo também não ajudava muito...Uma rapariga que olhasse para isso, ficava do género: “este gajo é fraco, não vou ter nada com ele.” (E1, Ex-Incel)

A partir da análise, é também evidente que os entrevistados reforçam os ideais corporais hegemónicos (Connell, 1995) aos quais consideram não corresponder, à semelhança da literatura na área (Halpin, 2022; Puhmann & Schlaerth, 2023; Rothermel et al., 2022). Em particular, termos como “pénis grande”, “músculo”, “gordura do corpo”, “partir ossos da cara” e “aparência mediana” são abundantes ao longo das narrativas. Em conformidade com outros estudos (Daly & Reed, 2021; Glace et al., 2021; Maxwell et al., 2020; O’Malley et al., 2022), podemos observar a auto-objetificação nos seus discursos.

“se eu próprio tenho dificuldades eu nem consigo imaginar a dificuldade de um homem que é curto, gordo e com problemas de cabelo” (E8, Incel)

Rejeição da masculinidade hegemónica

Embora reconheçam as pressões para se conformarem com a masculinidade hegemónica, alguns participantes não aspiram a esses ideais e procuram afastar-se das conceções socialmente exaltadas que consideram nocivas.

Neste sentido, alguns entrevistados compreendem que são socializados para acreditar que têm o direito ao corpo e trabalho emocional das mulheres (Bird, 1996; Kimmel, 2013), o que possibilita a subjugação das mesmas e o domínio sobre outros homens (Flood, 2008; Pascoe, 2007). Quando este privilégio expectável é frustrado, os homens respondem com frustração e ódio (Kalish & Kimmel, 2010). Porém, e em contraste com uma vasta literatura que salienta o “aggrieved entitlement” (Kimmel, 2013) como resposta ao celibato involuntário (Baele et al., 2021; Cottee, 2021; Thorburn et al., 2023; Vito et al., 2017), os entrevistados expressam que, embora

desiludidos consigo mesmos, não devem culpabilizar as mulheres ou outras pessoas pelas suas circunstâncias.

“É aqui que entra a minha insegurança em definir-me como tal, porque eu efetivamente pelo significado literal sou incel. Mas não me associo/identifico a essas ideias que sinto que estão normalmente associadas a esse grupo de pessoas. Ou seja, eu não culpo raparigas/mulheres pela minha situação.” (E4, Incel)

Estas narrativas indicam a capacidade de agência de rapazes e homens de se afastarem de ideologias e atitudes nefastas (Osuna, 2023; Roberts & Elliott, 2020; Thorburn, 2023). No entanto, este processo não é linear e são abundantes ambivalências, que não devem ser negligenciadas (*“Se as pessoas desde o início tentassem resolver o problema dos Incels, os Incels não andariam por aí a matar pessoas.”* – E1, Ex-Incel).

Outro aspeto que é manifestado por muitos entrevistados diz respeito à restrição emocional, que obriga a vivência da masculinidade como um fator de risco (Bento, 2015; Santos, 2015). Assim, os entrevistados rejeitam a noção de que um homem deve ser um *“ pilar inquebrável ”* (E2, Ex-Incel), entendendo a expressão emocional como parte das vivências de qualquer ser humano.

Em última análise, alguns participantes refletem acerca das expectativas e papéis de género rígidos que, na sua ótica, contribuem para sociedades menos justas e igualitárias. Em contrapartida, a revisão da literatura aponta que, embora se sintam discriminados por não incorporarem os ideais hegemónicos, os Incels não se questionam e, muito menos, rejeitam esta forma de masculinidade (Halpin, 2022; Kelly & Aunspach, 2020; Rothermel et al., 2022).

“[...] Num nundo ideal para um homem teria de dizer o mesmo, seria um mundo em que cada um é livre de agir como quer, ser quem quiser, fazer o que quiser, sem que isso ponha em causa a sua masculinidade, a sua identidade, e o faça entrar em parafuso.” (E4, Incel)

Assim sendo, os entrevistados consideram que a masculinidade hegemónica os submete a imposições restritivas de liberdades (Bento, 2015), cabendo aos próprios homens *“ libertarem-se dessa prisão ”* (E5, Ex-Incel). Posto isto, é pertinente examinar como alguns participantes sinalizam masculinidades alternativas e críticas, que problematizam e rompem com as imposições da masculinidade hegemónica (Bento, 2015).

2. Incel: uma identidade estigmatizante

Alguns participantes revelam trajetórias e experiências marcadas pelo bullying e rejeição. Porém, a forma, por vezes, pejorativa como se percebem a si próprios é agravada pela sua autoidentificação como Incels, um rótulo estigmatizante (Glace et al., 2021). Assim, ainda que encontrem algum reconforto na pertença a uma identidade coletiva que partilha dos mesmos dilemas, a autoidentificação como Incel potencia a rejeição e a marginalização.

Trajetórias de bullying e rejeição romântica

De acordo com a análise, vários participantes revelaram sentir-se socialmente desajustados entre pares e ter vivenciado situações de bullying, em conformidade com os estudos efetuados até à data (Daly & Reed, 2022; Puhmann & Schlaerth, 2023; Regehr, 2022; Sugiura, 2021a). Na sua visão, estes acontecimentos derivam da sua não conformidade com os cânones hegemónicos.

“Lembro-me de no ambiente escolar os homens que eram considerados menos masculinos (talvez eu esteja incluído nesse grupo) fossem alvos de bullying (embora nunca tenha sofrido nada que fosse realmente grave)” (E5, Ex-Incel)

Simultaneamente, os entrevistados partilharam episódios pessoais de rejeição romântica, o que se encontra em consonância com a literatura (Daly & Reed, 2022; Glace et al., 2021; Maxwell et al., 2020; Sparks et al., 2023). Tal é particularmente relevante uma vez que, em relacionamentos heterossexuais, é esperado dos homens que tomem a iniciativa (Lamont, 2021; O’Neill, 2018). Em determinadas instâncias, a rejeição parece ter contribuído para uma visão extremamente negativa acerca das mulheres.

“Um homem típico lida com rejeição muito mais vezes que uma mulher ao longo da sua vida, uma vez que é esperado que seja ele a correr o risco e a tomar iniciativa (e, portanto, é ele o rejeitado)” (E9, Incel)

Adoção de um rótulo (duplamente) estigmatizante

A adoção do rótulo de Incel não é feita sem desafios. Os entrevistados exploram o modo como a autoidentificação como Incel provoca a internalização do estigma e o agravar de emoções e sentimentos negativos, em sintonia com estudos anteriores (Daly & Reed, 2022; Glace et al., 2021).

“Aceitar a label de incel pode implicar aceitar qualquer um destes pensamentos que não fazem bem à autoestima. Para além deste ataque ao ego, imagino que aceitar o rótulo também possa intensificar sentimentos de angústia e ansiedade.” (E9, Incel)

De acordo com os participantes, ser Incel é percebido negativamente pela sociedade, que utiliza o conceito como insulto e/ou apresenta concepções erróneas sobre o seu significado (*“pensam que o incel é um terrorista”* – E3, Incel). Em concordância com a literatura (Daly & Reed, 2022; Glace et al., 2021; Thorburn et al., 2023), alguns entrevistados acreditam ser alvo de uma discriminação idêntica à de grupos oprimidos pela sociedade; contudo, consideram que a sua marginalização não é reconhecida pela sociedade e, inclusive, por movimentos progressistas.

“Eu acho que há uma coisa que o pessoal falha bastante e mete-me um certo nojo até. Hoje em dia é como a homossexualidade antigamente. Quando a homossexualidade começou a surgir, era “eles deviam ser mortos”, “são doentes mentais (...) E o que é que a malta da paz e o do amor faz? Vira-se e diz “gays é na boa”, “transsexuais devem ser ajudados”, tudo bem. “Incels? Morte a eles”. (E1, Ex-Incel)

Neste testemunho é evidente um *empréstimo estratégico* de *Outros* subordinados, cujas identidades denotam passados de lutas políticas e culturais pelo reconhecimento (Bridges & Pascoe, 2014, 2018). Posto isto, explorar o modo como os Incels se posicionam como grupo oprimido é crucial para compreender como as suas hibridizações protegem os indivíduos de reconhecer a marginalização que outros enfrentam, minimizando as desigualdades sistémicas (*“É um problema, mas é minoritário porque, hoje em dia, até mesmo em Portugal, uma pessoa homossexual consegue ser minimamente aceite.”* – E1, Ex-Incel) (Bridges, 2014; Glace et al., 2021; Thorburn et al., 2023).

Ademais, a narrativa de vitimização por parte da sociedade é evidenciada nos discursos dos entrevistados, em conformidade com a investigação (García Mingo & Díaz Fernández, 2022; Ging, 2019; Solea & Sugiura, 2023). Nos discursos acerca de ataques violentos cometidos por autoproclamados Incels, a ênfase na ostracização e/ou doença mental permite atenuar a responsabilidade do agressor, representar os atos de violência como compreensíveis e/ou justificáveis e reivindicar esforços políticos para as suas circunstâncias (Gheorghe & Clement, 2023; Lounela & Murphy, 2023).

“As pessoas têm de ter esta consciência. Ele não gosta de mulheres...quer dizer, ele gosta de mulheres, ele apenas tem este ódio porque não é bem-sucedido entre elas. Então vamos

compreender porque é que ele fez isto, porque é que ele é assim, em vez de o ostracizar. (...) As pessoas abusam e isso leva a que eles se radicalizem mais, levando-os a cometer atentados terroristas. Se as pessoas desde o início tentassem resolver o problema dos Incels, os Incels não andariam por aí a matar pessoas.” (E1, Ex-Incel)

Não obstante o desejo para que a sociedade empatize com as suas vivências, os entrevistados consideram que as restantes pessoas (família, grupo de pares, profissionais de saúde e a sociedade em geral) são incapazes de compreender as suas circunstâncias, oferecendo conselhos inúteis ou, inclusive, exibindo bastante hostilidade.

“Muitos comentários eram do estilo "ainda bem que estás sozinho, mereces estar assim", outros mais agressivos. No maior extremo, tinham pessoas a encorajar suicido para os Incels.” (E6, Incel)

Por este motivo, os entrevistados consideram que devem ocultar ou partilhar seletivamente as suas circunstâncias. Esta decisão deve-se também à internalização do estigma por se desviarem da trajetória sexual normativa (Lamoureux & Boislard, 2023; Leroux & Boislard, 2023) face ao paradigma da sexualidade compulsória, que parte do pressuposto de que todas as pessoas adultas são sexualmente ativas (Grupta, 2015). Ainda que o desejem fazer, os participantes receiam que ao compartilhar o celibato involuntário poderão restringir as suas chances sexuais e/ou românticas, como é evidenciado nos estudos com pessoas sexualmente inexperientes (Fuller et al., 2019).

3. Engolir a blackpill

A maioria dos participantes demonstrou estar familiarizada com a blackpill, que se mostra particularmente esclarecedora das suas circunstâncias. Assim sendo, a blackpill alimenta o essencialismo de género e determinismo biológico patente nas narrativas dos entrevistados, sobretudo no que diz respeito à seleção dos parceiros sexuais por mulheres numa sociedade hierarquizada com base na atratividade. Face à impermeabilidade entre os patamares desta hierarquia, alguns entrevistados “engolem” a blackpill e conformam-se com o niilismo e fatalismo.

Essencialismo de género e determinismo biológico

O essencialismo de género pressupõe que pessoas do mesmo género compartilham uma essência inerente e imutável, que molda a maneira como estas existem no mundo

(Moskos, 2020). Alguns dos participantes, ainda que de forma ambivalente, discutem os comportamentos de homens e mulheres de modo fixo, justificando os papéis de gênero como naturalmente diferentes e complementares (Blais & Dupuis-Déri, 2012), em acordo com os estudos prévios (Ging, 2019; Vallerga & Zurbriggen, 2022).

“Temos de aceitar as diferentes necessidades de cada sexo: as mulheres são mais viradas para umas coisas e os homens são mais virados para outras coisas. Se não conseguirmos aceitar algo tão básico como isto, não conseguimos chegar a um diálogo que seja benéfico para as duas partes.” (E2, Ex-Incel)

Além disso, os entrevistados consideram que os comportamentos dos homens e, sobretudo, das mulheres são fortemente determinados pela biologia, sendo que as últimas desejam, inevitavelmente, o Chad (Thorburn et al., 2023; Vallerga & Zurbriggen, 2022). Ao longo das narrativas, é evidente a existência de um Chad: o homem popular, convencionalmente atraente, ainda que por vezes machista e agressivo.

“[...] tive um colega de turma no 12º ano que era super sexista, e geralmente tóxico e arrogante (ninguém na minha turma de 20+ pessoas gostava dele), mas ele era alto, musculado, e literalmente modelava para uma revista de moda. Com isto, ele andava constantemente rodeado de novos amigos, via-o sempre a falar com raparigas diferentes a sorrir e com brilho nos olhos. (...) o facto de ele ser atraente fazia com que fosse super fácil atrair novas pessoas. (E6, Incel)

A descrição de Connell e Messerschmidt (2005) da masculinidade hegemónica que exige que “todos os outros homens se posicionem em relação a ela” (p. 832) é particularmente relevante, na medida em que o Chad incorpora uma forma idealizada da hombridade e os Incels percecionam as suas falhas, diretamente, em relação ao Chad (Daly & Reed, 2022; Maxwell et al., 2020; Menzie, 2022; Thorburn et al., 2023).

Com frequência, os participantes apontam para a saliência do “lookismo” nas suas vivências, ou seja, a discriminação em função da atratividade (Glance et al., 2021; Sugiura, 2021b). Na sua ótica, esta discriminação é evidente no modo como as pessoas são positivamente avaliadas e tratadas com base na sua aparência, não obstante a sua moralidade questionável – ou “efeito de halo” (Ging et al., 2020; Sugiura, 2021a). Paralelamente, e de acordo com a investigação (Solea & Sugiura, 2023; Tranchese & Sugiura, 2021), alguns entrevistados entendem que as mulheres se sentem atraídas por manifestações de violência e, inclusive, pela prática de crimes.

“enquanto aos homens: https://en.wikipedia.org/wiki/Jeremy_Meeks Jeremy Meeks foi um criminoso perigoso de gang ele tem uma cara extremamente definida, pele molata, olhos azuis e

é bom com contacto visual quando ele foi preso, a sua mugshot ficou viral apenas pela sua atraencia e ele tornou-se rapidamente um modelo e celebridade” (E8, Incel)

No entanto, não parece existir consenso quanto à influência das diversas dimensões, tais como a aparência física, estatuto socioeconómico, saúde mental e competências sociais, nas oportunidades de estabelecer relacionamentos sexuais e/ou românticos. As características enfatizadas pelos participantes parecem ser moldadas, sobretudo, por aquelas que consideram ser as causas da sua rejeição (Puhmann & Schlaerth, 2023; Thorburn et al., 2023).

Por outro lado, e partindo de interpretações da psicologia evolutiva, os entrevistados concordam que as mulheres procuram relacionar-se com homens “superiores”, como dita a sua alegada hipergamia (Czerwinsky, 2023; Solea & Sugiura, 2023). Ademais, os participantes partilham da ideia de que as tecnologias digitais acentuam o celibato involuntário, em conformidade com a investigação (Baele et al., 2021; Preston et al., 2021). Similarmente ao estudo de Preston e colaboradores (2021), os entrevistados consideram que as aplicações de encontros e redes sociais permitem às mulheres ter acesso a um maior número de potenciais parceiros e conduzem ao aumento da sua autoperceção de atratividade, diminuindo as chances sexuais e/ou românticas de Incels.

“E, deste modo, essa mulher levava com consideravelmente menos mensagens dessas e se calhar tinha um ego muito menos inflacionado. E ao ter o ego muito menos inflacionado, se calhar teria uma melhor postura com os homens.” (E1, Ex-Incel)

De acordo com a literatura (Kay, 2021; Scotto di Carlo, 2023), e ainda que existam perspectivas dissidentes, os entrevistados acreditam ter experiências diametralmente opostas às de mulheres em circunstâncias idênticas (“Femcels”), considerando que estas têm mais oportunidades de estabelecer relacionamentos. As mulheres podem, assim, ser descritas como voluntariamente celibatárias (Maxwell et al., 2020; Sharkey, 2022).

“[...] Mas as experiências dos Incels e Femcels são totalmente diferentes. Para generalizar: Femcels não têm a escolha que querem. Incels não têm escolha. (...) Houve uma altura em que por curiosidade fiz um perfil falso com nome feminino, fiz comentários em vários subreddits dedicados a 'solidão', e em 2 horas tinha mais DMs do que tinha recebido na minha conta original em 2 anos. Essa experiência confirmou as minhas suspeitas sobre as diferenças entre Incels e Femcels (...) é mais fácil encontrar ouro num monte de sucata do que numa sala vazia.” (E6, Incel)

Fatalismo e nihilismo

Em resposta às rejeições de que consideram ser alvo e à incapacidade de estabelecer relações sexuais e/ou românticas, os entrevistados “engolem” a blackpill, que simboliza a aceitação fatalista de que a genética determina o seu sucesso sexual e/ou romântico, não havendo possibilidade de alterar o seu destino (Cottee, 2021; Daly & Reed, 2022).

Consequentemente, como evidenciado em estudos anteriores (Osuna, 2023; Sugiura, 2021a), a aceitação da blackpill restringe o número de oportunidades de socialização positivas e limita o repertório comportamental dos participantes a atos nocivos e, no seu auge, autodestrutivos, impedindo-os de alcançar o seu propósito: estabelecer uma relação sexual e/ou romântica.

“Porque se uma mulher falava comigo, eu olhava com ceticismo. Pensava “O que é que eu tenho de interessante para que esta pessoa goste de mim?” (...) Este ceticismo ia-me impedir de alimentar possíveis relacionamentos. Não falo só de namoros, mas até mesmo amizades. No fundo, era autossabotagem (...). Lá está, engoli a blackpill e deu porcaria, basicamente.” (E1, Ex-Incel)

Deste modo, os participantes que subscrevem à blackpill descrevem o seu Inceldom como uma situação maioritariamente fora do seu controlo, tal como reportado em outras investigações (Daly & Reed, 2022; Puhmann & Schlaerth, 2023; Thorburn et al., 2023). Não obstante, parece existir uma heterogeneidade de perspetivas quanto à possibilidade de alterar as suas circunstâncias.

“Basicamente: sim, muitos homens hoje em dia estão totalmente perdidos e sozinhos nesta sociedade atomizada, mas existem maneiras reais de melhorar as nossas chances” (E6, Incel)

Posto isto, os entrevistados sugerem que existem alternativas face ao fatalismo oferecido pela blackpill. De forma similar às pesquisas efetuadas acerca da saída de comunidades misóginas (Hintz & Baker, 2021; Osuna, 2023; Thorburn, 2023), alguns participantes denotam a hipocrisia e/ou falhas nas crenças estabelecidas na Incelosfera, bem como a insustentabilidade de mudarem a sua forma de ser e estar com vista a estabelecer relações sexuais e/ou afetivas. Ocasionalmente, esta introspeção foi impulsionada por experiências positivas (e.g., contacto com mulheres, mudança de contextos sociais, visualização de vídeos empáticos acerca das suas circunstâncias).

“Ir para a universidade também ajudou muito, porque eu vi que estava numa posição desfavorecida, mas há mulheres que estão do meu lado e que me ajudam. Há mulheres que são

fixes comigo (...) Comecei a pensar sobre isso e percebi que tinha de mudar algumas coisas em mim e que a vida não era assim tão negativa.” (E1, Ex-Incel)

4. Efeitos do Inceldom

Os entrevistados refletem sobre os efeitos do celibato involuntário que incluem emoções e sentimentos negativos. Neste sentido, os entrevistados mencionam estratégias que lhes permitiram lidar e, em alguns casos, superar (ou “ascender”) o Inceldom. Contudo, as expectativas negativas para o futuro são, maioritariamente, mantidas.

Com efeito, através das narrativas dos entrevistados, evidenciam-se sentimentos de impotência, desesperança, frustração, vergonha e culpabilização, mas igualmente de liberdade, em resposta ao celibato involuntário, como também é constatado pela literatura (Maxwell et al., 2020; Stijelja & Mishara, 2021; Sugiura, 2021a).

“Faz-me sentir um bocado envergonhado por não ser capaz de fazer algo que teoricamente deveria ser capaz. Também me faz validar inseguranças que tenho sobre mim e assim.” (E4, Incel)

Alguns participantes frisaram que o seu bem-estar psicológico é bastante influenciado pelas suas circunstâncias. Para além disso, desafios de saúde mental (e.g., ansiedade social, depressão) e neurodiversidade são repetidamente sublinhados como causas do celibato involuntário, tal como na investigação (Gheorghe & Clement, 2023; Hintz & Baker, 2021). Contudo, e em oposição aos dados da literatura (Moskalenko et al., 2022; Speckhard & Ellenberg, 2022), os entrevistados salientam a importância do acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico.

Ainda, refletindo os estudos efetuados com pessoas celibatárias involuntárias e/ou sexualmente inexperientes, os entrevistados consideram que estão “fora do tempo” comparativamente aos seus pares (Donnelly et al., 2001; Leroux & Boislard, 2023; Stijelja & Mishara, 2021). Segundo Donnelly e colaboradoras (2001), o celibato involuntário não se trata apenas de um evento pontual, mas sim da combinação de fatores que compreendem o momento, a sequência em que ocorre e a duração.

“Digamos que é um marco histórico para mim enquanto pessoa. (...) Por exemplo, se eu tivesse tido uma namorada aos 18 anos, se calhar eu estava tranquilo com a situação de não ter namorada agora.” (E7, Incel)

Embora a maioria dos entrevistados refira que as suas circunstâncias não tiveram implicações diretas na sua forma de estar, alguns revelam a prática de comportamentos nocivos, designadamente a participação em espaços online de forma prejudicial para a sua saúde mental (e.g., ler, propositadamente, comentários negativos acerca de Incels).

Adicionalmente, e tal como alguma literatura indica (Osuna, 2023; Sugiura, 2021a), os participantes realçam estratégias para lidar com as suas circunstâncias, como a prática de hobbies, arranjar emprego, realizar mudanças em si próprios, socializar com outras pessoas e recorrer a trabalhadoras sexuais. Enfatizam, ainda, a necessidade de modificar o “*mindset Incel*”, desconectando-se de grupos online e aprendendo a tratar as mulheres com respeito. Contudo, a maioria dos entrevistados apresenta expectativas negativas para o futuro, potencialmente reforçadas pela sua crença na blackpill, similarmente a outros estudos (Cottee, 2021; Daly & Reed, 2022).

“A minha expectativa é que vou ser incel o resto da vida e que o mundo vai ficar cada vez mais desconectado” (E9, Incel)

5. Misoginia e shit-posting

De acordo com a análise efetuada, os entrevistados consideram que as comunidades direcionadas a Incels são reconhecidas pela utilização de retórica violenta, misógina e sexista, bem como pela adoção de discursos vitriólicos e sensacionalistas, que poderão chocar audiências não cientes do sarcasmo e ironia.

No entanto, constata-se que a maioria dos entrevistados nunca frequentou estas esferas digitais. Por oposição, aqueles que o fizeram ressaltam o entretenimento e a possibilidade de encontrar pessoas em circunstâncias similares, como encontrado em outros estudos (Daly & Laskovtsov, 2021; Maxwell, 2020). Todavia, estes espaços servem também o propósito de debater estratégias para superar o Inceldom, designadamente a terapia sexual e o SEAMaxxing (viajar para países estrangeiros para estabelecer relações sexuais e/ou românticas), congruentemente com a investigação na área (Daly & Reed, 2022; Rothermel et al., 2022; Zimmerman, 2023).

“doar sémen para lésbicas, doando sémen nem sempre com inseminação artificial a coisa funciona então tens de realmente ter sexo repetidas vezes, ir a sítios com mulheres claramente com problemas mentais e tentar alguma coisa, outros que andavam em grupos de swing a comer mulheres brancas (o gajo usava o fato de ser preto e haver esse fetish por parte do casal), entrar em grupos de extrema direita da zona deles e ver qual é a rapariga com problemas de auto

estima, emigrar para um país asiático (um camarada conseguiu um tricasal assim) tem mais mas isso é o básico” (E3, Incel)

Ainda que os Incels lamentem ser percebidos como homens que apenas almejam ter relações sexuais (Maxwell et al., 2020), as estratégias supracitadas indicam que uma parceira sexual seria a solução para os seus problemas. Tal enfatiza as noções de sexualidade compulsória, na qual o sexo é um imperativo biológico e cultural, imaginado como resposta para a sua saúde mental e física (Kelly & Aunspach, 2020).

Os entrevistados assinalam, à semelhança da investigação, que estes espaços são propensos à celebração da violência contra as mulheres e apelos à violência em massa (Baele et al., 2023; Kelly et al., 2022), a par da mobilização de retórica altamente misógina e misantrópica (Bogetić, 2023; Chang, 2022; Halpin et al., 2023; Jaki et al., 2019; Pelzer et al., 2021).

“Se for preciso, um membro mata uma mulher, tira fotografias e publica no fórum para os restantes dizerem “boa, muito fixe”. Isto é claro um caso raro, mas acontece.” (E1, Ex-Incel)

Não obstante, os entrevistados sinalizam a elevada prevalência de *shit-posting*, que consiste na criação de mensagens provocadoras para elicitare, deliberadamente, reações fortes por parte de outras pessoas (Daly & Nichols, 2023; Daly & Reed, 2022), o que é particularmente relevante face ao escrutínio académico e jornalístico sobre estas comunidades.

“era quase uma honra ter o comentário partilhado em comunidades anti-Incel ou artigos de jornais, por isso muitos diziam coisas terríveis de propósito para atrair atenção.” (E6, Incel)

Posto isto, a utilização e função do *shit-posting* permite-nos compreender como a “masculinidade representa não um determinado tipo de homem, mas, em vez disso, uma forma através da qual os homens se posicionam através de práticas discursivas” (Connell & Messerschmidt, 2005, p. 841).

Adicionalmente, alguns participantes revelam ter participado em formas de violência contra as mulheres, quer através de comentários depreciativos online, quer através do abuso sexual baseado em imagens.

“mas eu tbm tinha a mão pesada com elas, quando via que já não havia salvação falava sempre com o gajo que tinha nudes delas e ia postar no general (...) é o que é, não fui eu que as recebi não tenho compromissos de as guardar ou de não partilhar, não foi o mais correto, mas também ela andava nos jogos mentais a pedir atenção da maioria dos gajos” (E3, Incel)

Na ótica do entrevistado, a sua ação é justificada moralmente pelo comportamento da vítima (*“ela andava nos jogos mentais”*), o que remete, simultaneamente, para a culpabilização da vítima e para a desresponsabilização do perpetrador pelo ato (Flynn et al., 2023; Pina et al., 2021). Não obstante os impactos provocados nas vítimas desta forma de violência, o entrevistado direciona o seu comportamento a outros homens.

“nem era tanto para ofender a rapariga era mais para os admins verem que por mais conversa e privilégios que dão, o gajo bonito é que tem o sucesso. gaja acabou por sair e o admin baniu o resto das gajas” (E3, Incel)

Este excerto demonstra como as crenças sobre as alegadas propensões sexuais das mulheres podem ser usadas no desempenho de uma masculinidade híbrida (Demetriou, 2001; Bridges & Pascoe 2014, 2018). Embora posicionando-se como subordinado face a homens ditos privilegiados, o entrevistado eleva-se sobre as mulheres e sobre os restantes homens que, para além de incapazes de serem bem-sucedidos sexualmente, não estão cientes das “relações de género” (Glance et al., 2021; Sugiura, 2021a; Thorburn et al., 2023).

Por fim, importa destacar que, embora a maioria dos participantes reconheça e procure distanciar-se de práticas misóginas, estas são frequentemente debatidas (e justificadas) como produto de um desvio individual ou doença mental. Contudo, tal não ocorre num vácuo, mas sim reflete os discursos populares e académicos (Carian et al., 2023; Frounfelker et al., 2023; Manne, 2017).

6. Interpretações políticas da masculinidade

Connell (2005) define “políticas de masculinidade” como “aquelas mobilizações e lutas em que o significado do género masculino está em questão e, com ele, a posição dos homens nas relações de género” (p. 205). No decurso das entrevistas, alguns dos entrevistados refletem acerca de uma alegada “crise da masculinidade”, que preconiza que os homens foram severamente afetados pelas mudanças societais. A par disso, constata-se uma ênfase na discussão acerca da masculinidade tóxica, que tem vindo a ser popularizada nos discursos jornalísticos e académicos – ainda que não imune a criticismo (de Boise, 2019; Waling, 2019).

Crise da masculinidade

Devido a recentes mudanças nas relações de gênero e à perda das referências identitárias tradicionais, tem sido alegado que os homens estão a passar por uma “crise da masculinidade” (Badinter, 1997; Oliveira, 2000). Em consonância, e à semelhança dos discursos dos entrevistados, numerosas questões são construídas como sintomáticas desta crise, desde o suicídio masculino a lacunas no sistema educativo para rapazes (Flood et al., 2021; Jordan & Chandler, 2019).

“Não é por acaso que os homens se estão a matar três vezes mais do que as mulheres e os suicídios aumentaram cinco vezes mais nos últimos 15 anos. Há 15 anos nem existia MGTOW nem Incel, no sentido que lhe damos hoje em dia. Eu acho que qualquer coisa não está ok na sociedade em geral e está a afetar os níveis de testosterona, cai 1% a cada ano (...) Mas há um problema silencioso.” (E2, Ex-Incel)

Por sua vez, os entrevistados reconhecem que várias personalidades da manosphere, entre as quais Andrew Tate e Jordan Peterson, oferecem uma “solução” para esta “crise da masculinidade”, ao mesmo tempo que a capitalizam para o seu próprio benefício (Bujalka et al., 2022; Eddington et al., 2023; Lacalle et al., 2023).

“O aumento de liberdade feminino e o ocupar do mesmo de vários papéis que classicamente pertenciam ao homem fez com que alguns homens sentissem o seu papel na sociedade ameaçado ou sentirem-se sem definição. A meu ver, o movimento redpill foi uma má solução encontrada para este problema, um grupo de homens que reivindica os valores clássicos, mas levados ao extremo.” (E4, Incel)

Partindo da análise, depreende-se também a noção de *male disposability*, que caracteriza a alegada tendência da sociedade em demonstrar menor preocupação face à segurança e bem-estar dos homens (García Mingo & Díaz Fernández, 2022). Deste modo, alguns entrevistados sentem que a vitimização dos homens é ignorada ou, no melhor dos casos, secundarizada face à violência sobre as mulheres e que estas seguem impunes pelos abusos por elas cometidos, o que ecoa a retórica dos espaços da manosphere (García Mingo & Díaz Fernández, 2022; Venäläinen, 2020, 2022).

“Se 4 rapazes fizessem isso a uma rapariga em público, eram presos na hora. Eram linchados na rua. Porque é que alguns valores são mais importantes para um sexo do que para outro, não é?” (E2, Ex-Incel)

Assim, apesar de superficialmente este discurso suportar a igualdade de gênero, um exame minucioso evidencia o reforço de posições antagónicas entre homens e mulheres (Schmitz & Kazyak, 2016).

Sublinha-se, ainda, que afirmar a existência de uma “crise na masculinidade” sugere interpretações perigosas sobre o que é a masculinidade, retratando-a como uma identidade estável e coerente (Jordan, 2019). Nesta linha de pensamento, e recuperando o carácter pluralista e contestável da masculinidade, deve-se, sim, abordar as “tendências de crise” que abalam a “ordem de género” (Connell, 2005, p. 84). Pode-se, deste forma, compreender que alegar a crise da masculinidade consiste numa tentativa de restaurar uma masculinidade previamente dominante (Connell, 1997).

Masculinidade Tóxica

Outro aspeto saliente nas narrativas foi o da masculinidade tóxica, que tem sido amplamente evocada nos debates públicos e académicos para abarcar as normas culturais tradicionalmente masculinas que são lesivas, inclusive para os próprios homens, como a agressividade, o estoicismo e a homofobia (Kupers, 2005).

À semelhança de outros estudos (Carian, 2022; Maricourt & Burrell, 2022), os entrevistados interpretam a masculinidade tóxica como a rotulação de todos os homens como inerentemente tóxicos, receando serem interpretados desse modo.

“A sensação que tenho, e posso estar errado, mas é que ser masculino é igual a ter uma componente tóxica e eu não concordo com isso. Eu entendo de onde vem, há homens que são uma verdadeira merda e faz todo o sentido dizer isso. Agora dizer que por ser homem de certeza que tem alguma componente tóxica...isso é um bocado complicado dizer, porque no fundo estamos a generalizar as pessoas com base no sexo.” (E2, Ex-Incel)

Como é destacado no seu discurso, o entrevistado sente-se perçecionado como um “agressor” com base na sua pertença identitária, o que entra em conflito com a forma como se perçeciona, evocando sentimentos negativos. Em conformidade, e devido à abundância de estereótipos associados à Identidade Incel, os entrevistados rejeitam conceções homogeneizadoras.

Neste sentido, observa-se a necessidade de enfatizar a distinção entre “homens tóxicos” e “homens não tóxicos” que, contrariamente aos primeiros, mobilizam a agressividade apenas em defesa de pessoas vulneráveis, particularmente, mulheres (Maricourt & Burrell, 2022).

“Muitas vezes elas precisam de outro homem para mandar esse homem para trás. É preciso uma imposição do homem em relação a outro homem. A agressividade é necessária para defender pessoas que não têm ferramentas para se defender.” (E2, Ex-Incel)

Em simultâneo, este discurso parece reinscrever uma lógica assimétrica e binária de vivenciar o género, na qual o homem assume o papel de protetor e a mulher assume o papel de vítima (Seymour, 2017). Assim, a rejeição de condutas tóxicas permite realinhar o entrevistado, subtilmente, com a masculinidade hegemónica, reforçando as relações hierárquicas entre homens e reafirmando a dominação sobre as mulheres (Bridges & Pascoe, 2014; Pascoe & Hollander, 2016).

Em suma, como foi possível explorar, existe uma contínua construção e reconstrução das relações de género, ainda que reforçando fronteiras, binarismos e jogos de poder.

Considerações Finais

Esta dissertação procurou explorar o modo como homens Incels, que se consideram incapazes de estabelecerem relacionamentos sexuais e/ou românticos, se constroem como seres masculinos.

Com base nos seus discursos, percebe-se que os entrevistados reconhecem que existe uma forma ideal de *ser homem aos olhos da sociedade*. Assim sendo, os participantes denotam sentir pressões para aderir aos cânones da masculinidade hegemônica e forçar expressões legitimadas da masculinidade, como a virilidade e a repressão de emoções e de demonstrações de afetos. Contudo, a não conformidade com os ideais hegemônicos, fruto da interiorização de estereótipos acerca da sociabilidade, aparência física e, sobretudo, virilidade, é transversal a todas as entrevistas. Ainda, salienta-se que, contrariamente ao encontrado pela literatura, alguns participantes rejeitam esta masculinidade hegemônica, problematizando os papéis e estereótipos de gênero.

Para além das suas trajetórias de bullying, rejeição entre pares e rejeição romântica, os entrevistados confrontam-se com novas oportunidades de marginalização ao adotarem um rótulo (duplamente) estigmatizante. Confessar ser Incel é, assim, assumir uma *identidade estigmatizante* que abarca, por um lado, o navegar das concepções negativas associadas ao termo, as quais procuram rejeitar e corrigir e, por outro lado, o quebrar dos rituais da masculinidade e desvio da trajetória sexual normativa. Com efeito, os entrevistados sentem-se incompreendidos ou até ostracizados pela sociedade.

Conseqüentemente, alguns participantes acreditam que são conduzidos a *engolir a blackpill*, que lhes permite racionalizar as suas circunstâncias, através de apelos ao essencialismo de gênero e determinismo biológico. Os entrevistados consideram estar numa sociedade hierarquizada em função da atratividade, que os coloca à margem e impossibilita o estabelecimento de relacionamentos sexuais e/ou românticos. Por este motivo, conformam-se com o niilismo e fatalismo inerente à blackpill, apesar de alguns se questionarem dos seus tenentes.

Em consonância, a rejeição desta ideologia pode partir do reconhecimento dos *efeitos nefastos do Inceldom*. Os participantes retratam sentimentos de impotência, desesperança, frustração, vergonha e culpabilização, entre vários outros. É particularmente saliente que os entrevistados se sentem “fora do tempo” em comparação

com os pares da mesma idade, o que é exacerbado com o passar dos anos. Na maioria das circunstâncias, o Inceldom parece contribuir para a deterioração da sua saúde mental. Porém, as suas narrativas também sugerem diferentes formas de lidar ou, até mesmo, superar o Inceldom.

Ainda que a maioria não tenha participado em comunidades online direcionadas a Incels, os entrevistados encontram-se cientes dos discursos que ecoam nessas atmosferas, destacando a prevalência da *misoginia e do shit-posting*, a par da glorificação da violência contra as mulheres. Neste contexto, alguns participantes destacam a prática de comportamentos nocivos face a mulheres, designadamente o abuso sexual baseado em imagens. Ainda assim, e a despeito de críticas a este tipo de condutas, é evidente a minimização e/ou tentativa de justificação da misoginia.

Por fim, pode-se igualmente constatar a discussão dos “problemas dos homens” informada pelas *interpretações políticas da masculinidade* contemporâneas. Os discursos de alguns entrevistados refletem os debates acerca de uma “crise da masculinidade”, evocando o suicídio masculino e a desvalorização da violência contra os homens, entre outros temas, à semelhança do que ocorre na manosphere. Constatando, no entanto, o receio da confluência entre o que significa ser homem e o que representa a masculinidade tóxica, a qual rejeitam.

Conclusão

Ser-se homem é uma identidade plural. Torna-se, nesse sentido, necessário interrogar as narrativas únicas, respaldadas em imperativos biológicos e qualidades universais sobre o que significa ser homem, que reificam a dialética da diferença entre homens e mulheres, bem como entre grupos de homens.

Esta investigação impele-nos, igualmente, a inquirir sobre os múltiplos modelos hegemónicos (Aboim, 2017) que, não sendo alcançáveis por praticamente nenhum homem, exercem sobre todos eles um efeito controlador. A masculinidade é, assim, um projeto frágil e vigiado, que deve ser constantemente provado (Bento, 2015).

De igual modo, este estudo contribui para o debate sobre o modo como rapazes e homens estão disponíveis para a mudança. Doravante, dever-se-á contrariar a leitura das masculinidades hegemónicas divorciadas das relações de género, que compreende os homens como vítimas das prescrições hegemónicas, sem questionar a sua capacidade de agência (Wedgwood et al., 2023). É crucial encorajar os rapazes e homens ao reconhecimento dos impactos nocivos das suas crenças, sem descurar o exame crítico das mudanças culturais e tecnológicas que moldam as masculinidades contemporâneas.

Podemos, ainda, concluir que as masculinidades são caracterizadas por contradições internas e dialéticas, mimetizando-se e incorporando elementos novos nas suas relações sem que tal se traduza na renúncia aos espaços de poder. É essencial atentar à elasticidade da hegemonia e ao modo como os sistemas de desigualdade podem permanecer ocultos de formas historicamente novas (Bridges & Pascoe, 2014, 2018). Neste sentido, este trabalho encoraja a adoção das masculinidades híbridas como lente reflexiva para dar conta das transformações no campo das masculinidades.

Por fim, esta dissertação oferece um ponto de partida para estudar criticamente o desejo e a atração, sem cair numa armadilha que propõe o sexo como um direito inerente aos rapazes e homens ou que os reconfigura como “deixados para trás” na atual cultura sexual (Kay, 2021). No seu ensaio “Does Anyone Have the Right to Sex?”, a filósofa feminista Amia Srinivasan (2018) lança este mote, questionando-se como podemos “habitar o lugar ambivalente onde reconhecemos que ninguém é obrigado a desejar outra pessoa, que ninguém tem o direito a ser desejado, mas também que quem é desejado e quem não é, é uma questão política”.

No que concerne às limitações desta investigação, salienta-se o número reduzido da amostra, bem como a desproporcionalidade entre o número de Incels (n=6) e de Ex-

Incels (n=3) entrevistados. O recrutamento de participantes foi dificultado quer pela ausência de um local específico de congregação de Incels, contrariamente ao verificado em outras investigações, quer pela dificuldade em estabelecer o método de bola de neve. Ainda, é possível que as potencialidades das plataformas, nomeadamente o downvoting do Reddit, possam ter diminuído o alcance da divulgação do estudo.

Não obstante a adequação do critério de autoidentificação, a amostra deste estudo é bastante heterogénea, contando com entrevistados pouco e muito informados acerca dos contornos da Incelosfera atual. Particularmente, a crença na blackpill parece ser um fator diferenciador entre os dois grupos (Stijelja & Mishara, 2022). Desta forma, as investigações futuras devem acautelar esta situação, tendo em consideração que a participação nas comunidades de Incels pode não ser um critério de seleção útil, como comprovado por este estudo.

Outra das limitações assenta na ausência de dados sociodemográficos complementares, na medida em que a “raça”/etnia é um marcador social importante que pode influenciar o celibato involuntário, na perspetiva de Incels (Gheorghe, 2023). Apesar deste aspeto não ter sido mencionado em nenhum dos testemunhos, será proveitoso valorizar esta perspetiva interseccional em investigações futuras.

Por fim, não podemos descartar a possibilidade de ter ocorrido um viés de desejabilidade social, o qual procurámos prevenir mediante a realização das entrevistas em plataformas digitais, de forma anónima e com a possibilidade de adoção de pseudónimos por parte dos entrevistados.

Nestas lacunas, as investigações futuras podem encontrar oportunidades para ampliar a investigação junto de pessoas Incels/Ex-Incels.

Dada a popularização do conceito “Incel”, será interessante aprofundar como pessoas adotam para si este rótulo, ainda que rejeitando a misoginia que lhe está associada. Além disso, as investigações futuras poderão examinar as experiências de mulheres e pessoas LGBTQIA+ que se identificam como Incels (Czerwinsky, 2023). Será também pertinente indagar como aspetos socioculturais e económicos poderão afetar as vivências do celibato involuntário, nomeadamente, o acesso a serviços de saúde mental, a estabilidade económica e a existência de terceiros espaços que, em outras gerações, favoreceram a criação de amizades e relacionamentos. Por fim, parece-nos crucial compreender melhor como Ex-Incels encaram as suas trajetórias e de que modo se desvincularam (ou não) das narrativas ideológicas da Incelosfera.

Dada a saliência de visões essencialistas acerca das relações de género, sustentadas em disciplinas como a psicologia evolutiva, será indispensável que as investigações nesta área procurem entender de que modo a redação de artigos científicos poderá incentivar explicações simplistas e denunciar interpretações erróneas, misóginas e racistas de determinados fenómenos, à semelhança do trabalho realizado por Bachaud e Johns (2023).

É igualmente necessário ampliar os nossos conhecimentos acerca dos impactos da misoginia disseminada nas esferas digitais, adotando uma lente interseccional, que nos permita compreender o modo como esta violência é produto de vários eixos de opressão (Czerwinsky, 2023). Também é pertinente avaliar os impactos das investigações acerca destas temáticas na saúde mental dos/as profissionais e investir na criação de serviços de apoio específicos (Rothermel et al., 2022).

Face a este panorama, é crucial coordenar esforços ao nível da prevenção. Salientam-se os benefícios do desenvolvimento precoce de competências sociais para a criação de relações interpessoais positivas e saudáveis (Stijelja & Mishara, 2022). É também urgente a criação e desenvolvimento de programas nas áreas da educação sexual, igualdade de género e literacia mediática crítica em contexto escolar, em parceria com organizações que atuam na prevenção da violência de género (O’Hanlon et al., 2023).

No que concerne à prática clínica, é fundamental aumentar a consciencialização das pessoas profissionais de saúde para as dificuldades e estigma vivenciados por pessoas adultas sexualmente inexperientes. Desde logo, será necessário que os/as profissionais explorem os scripts sexuais e papéis estereotipados de masculinidade internalizados, sem reforçar a ideia de que a virgindade é um problema que deve ser corrigido (Stijelja & Mishara, 2022). O aumento de serviços de apoio específicos às necessidades destas pessoas é de elevada significância dada a panóplia de informações disponíveis na manosphere, que podem contribuir para o reforço da autculpabilização ou para a crença de que as outras pessoas (em particular, mulheres) são culpadas pelos seus “fracassos” sexuais (Leroux & Boislard, 2023).

Do mesmo modo, o acompanhamento clínico pode também ter um papel fundamental na sinalização e desafio de crenças extremistas, na minimização dos sentimentos de angústia e desespero, bem como na prevenção da violência em contextos relacionais (Broyd et al., 2023; Frounfelker et al., 2023), tendo em consideração os efeitos duradouros da blackpill (Hintz & Baker, 2021).

Por fim, é vital refletir acerca da tendência profundamente neoliberal e individualista que se foca na intervenção terapêutica com indivíduos considerados de elevado risco, em detrimento de uma atuação concertada nas normas sociais e culturais que legitimam a violência misógina, entre tantas outras (DeCook & Kelly, 2022).

Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (2017). Masculinidade hegemónica e pluralidade no masculino: Rumo a novos hibridismos de género. Em S. Aboim, A. M. Marques, M. Couto, & A. Goulart, *O que é a masculinidade?* Escolar Editora.
- Andersen, J. C. (2023). The Symbolic Boundary Work of Incels: Subcultural Negotiation of Meaning and Identity Online. *Deviant Behavior*, 44(7), 1081–1101. <https://doi.org/10.1080/01639625.2022.2142864>
- Bachaud, L., & Johns, S. E. (2023). Use and Misuse of Evolutionary Psychology in Online Manosphere Communities: The Case of Female Mating Strategies. *Evolutionary Human Sciences*, 1–20. <https://doi.org/10.1017/ehs.2023.22>
- Badinter, E. (1997). *XY: On Masculine Identity*. Columbia University Press.
- Baele, S. J., Brace, L., & Coan, T. G. (2021). From “Incel” to “Saint”: Analyzing the violent worldview behind the 2018 Toronto attack. *Terrorism and Political Violence*, 33(8), 1667–1691. <https://doi.org/10.1080/09546553.2019.1638256>
- Baele, S., Brace, L., & Ging, D. (2023). A Diachronic Cross-Platforms analysis of violent extremist language in the Incel online ecosystem. *Terrorism and Political Violence*, 1–24. <https://doi.org/10.1080/09546553.2022.2161373>
- Bird, S. R. (1996). WELCOME TO THE MEN’S CLUB: Homosociality and the Maintenance of Hegemonic Masculinity. *Gender & Society*, 10(2), 120–132. <https://doi.org/10.1177/089124396010002002>
- Blais, M., & Dupuis-Déri, F. (2012). Masculinism and the Antifeminist Countermovement. *Social Movement Studies*, 11(1), 21–39. <https://doi.org/10.1080/14742837.2012.640532>
- Bogetić, K. (2023). Race and the language of incels: Figurative neologisms in an emerging English cryptolect. *English Today*, 39(2), 89–99. <https://doi.org/10.1017/S0266078422000153>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. SAGE.

- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589–597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Braun, V., & Clarke, V. (2021). One size fits all? What counts as quality practice in (reflexive) thematic analysis? *Qualitative Research in Psychology*, 18(3), 328–352. <https://doi.org/10.1080/14780887.2020.1769238>
- Bridges, T. (2014). A Very “Gay” Straight?: Hybrid Masculinities, Sexual Aesthetics, and the Changing Relationship between Masculinity and Homophobia. *Gender & Society*, 28(1), 58–82. <https://doi.org/10.1177/0891243213503901>
- Bridges, T., & Pascoe, C. J. (2014). Hybrid Masculinities: New Directions in the Sociology of Men and Masculinities. *Sociology Compass*, 8(3), 246–258. <https://doi.org/10.1111/soc4.12134>
- Bridges, T., & Pascoe, C. J. (2018). On the elasticity of gender hegemony: Why hybrid masculinities fail to undermine gender and sexual inequality. Em Messerschmidt, P. Y. Martin, M. A. Messner, & R. Connell, *Gender reckonings: New social theory and research* (pp. 254–274). New York University Press.
- Broyd, J., Boniface, L., Parsons, D., Murphy, D., & Hafferty, J. D. (2023). Incels, violence and mental disorder: A narrative review with recommendations for best practice in risk assessment and clinical intervention. *BJPsych Advances*, 29(4), 254–264. <https://doi.org/10.1192/bja.2022.15>
- Bujalka, E., Rich, B., & Bender, S. (2022). The Manosphere as an Online Protection Racket: How the Red Pill Monetizes Male Need for Security in Modern Society. *Fast Capitalism*, 19(1), 1–16. <https://doi.org/10.32855/fcapital.202201.001>
- Carian, E. (2022). “No Seat at the Party”: Mobilizing White Masculinity in the Men’s Rights Movement. *Sociological Focus*, 55(1), 27–47. <https://doi.org/10.1080/00380237.2021.2009075>
- Carian, E. K., DiBranco, A., & Kelly, M. M. (2023). Intervening in problematic research approaches to incel violence. *Men And Masculinities*, 1–10. <https://doi.org/10.1177/1097184x231200825>

- Chang, W. (2022). The monstrous-feminine in the incel imagination: Investigating the representation of women as “femoids” on /r/Braincels. *Feminist Media Studies*, 22(2), 254–270. <https://doi.org/10.1080/14680777.2020.1804976>
- Connell, R. (1987). *Gender and power*. Society, The Person and Sexual Politics.
- Connell, R. (1995). *Masculinities*. University of California Press.
- Connell, R. (2005). *Masculinities*. (2nd ed). Polity Press
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, 19(6), 829–859. <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>
- Costello, W., Rolon, V., Thomas, A. G., & Schmitt, D. (2022). Levels of Well-Being Among Men Who Are Incel (Involuntarily Celibate). *Evolutionary Psychological Science*, 8(4), 375–390. <https://doi.org/10.1007/s40806-022-00336-x>
- Cottee, S. (2021). Incel (E)motives: Resentment, Shame and Revenge. *Studies in Conflict & Terrorism*, 44(2), 93–114. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1822589>
- Czerwinsky, A. (2023). Misogynist incels gone mainstream: A critical review of the current directions in incel-focused research. *Crime, Media, Culture*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/17416590231196125>
- Daly, S. E., & Laskovtsov, A. (2021). «Goodbye, My Friendcels»: An Analysis of Incel Suicide Posts. *Journal Qualitative Criminal Justice and Criminology*, 11(1), 1–33. <https://doi.org/10.21428/88de04a1.b7b8b295>
- Daly, S. E., & Nichols, A. L. (2023). ‘Incels are shit-post kings’: Incels’ perceptions of online forum content. *Journal of Crime and Justice*, 1–23. <https://doi.org/10.1080/0735648X.2023.2169330>
- Daly, S. E., & Reed, S. M. (2022). “I Think Most of Society Hates Us”: A Qualitative Thematic Analysis of Interviews with Incels. *Sex Roles*, 86(1–2), 14–33. <https://doi.org/10.1007/s11199-021-01250-5>
- de Boise, S. (2019). Is masculinity toxic? *NORMA*, 14(3), 147–151. <https://doi.org/10.1080/18902138.2019.1654742>

- DeCook, J. R., & Kelly, M. (2022). Interrogating the “incel menace”: Assessing the threat of male supremacy in terrorism studies. *Critical Studies on Terrorism*, 15(3), 706–726. <https://doi.org/10.1080/17539153.2021.2005099>
- Demetriou, D. Z. (2001). Connell’s concept of hegemonic masculinity: A critique. *Theory and Society*, 30(3), 337–361. <https://doi.org/10.1023/A:1017596718715>
- Donnelly, D., Burgess, E., Anderson, S., Davis, R., & Dillard, J. (2001). Involuntary celibacy: A life course analysis. *The Journal of Sex Research*, 38(2), 159–169. <https://doi.org/10.1080/00224490109552083>
- Duckworth, K. D., & Trautner, M. N. (2019). Gender Goals: Defining Masculinity and Navigating Peer Pressure to Engage in Sexual Activity. *Gender & Society*, 33(5), 795–817. <https://doi.org/10.1177/0891243219863031>
- Eddington, S. M., Jarvis, C. M., & Buzzanell, P. M. (2023). Constituting affective identities: Understanding the communicative construction of identity in online men’s rights spaces. *Organization*, 30(1), 116–139. <https://doi.org/10.1177/13505084221137989>
- Fausto-Sterling, A. (1997). Beyond difference: A biologist’s perspective. *Journal of Social Issues*, 53(2), 233–258. <https://doi.org/10.1111/0022-4537.00016>
- Fleming, C., & Davis, S. N. (2018). Masculinity and Virgin-Shaming Among College Men. *The Journal of Men’s Studies*, 26(3), 227–246. <https://doi.org/10.1177/1060826518758974>
- Flood, M., Dragiewicz, M., & Pease, B. (2021). Resistance and backlash to gender equality. *Australian Journal of Social Issues*, 56(3), 393–408. <https://doi.org/10.1002/ajs4.137>
- Flynn, A., Cama, E., Powell, A., & Scott, A. J. (2023). Victim-blaming and image-based sexual abuse. *Journal of Criminology*, 56(1), 7–25. <https://doi.org/10.1177/26338076221135327>
- Frounfelker, R. L., Johnson-Lafleur, J., Montmagny Grenier, C., Duriesmith, D., & Rousseau, C. (2023). “Between the self and the other”: Clinical presentation of male supremacy in violent extremists. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 1–21. <https://doi.org/10.1080/19434472.2023.2185277>
- Fuller, M. A., Boislard, M.-A., & Fernet, M. (2019). “You’re a virgin? Really!?”: A qualitative study of emerging adult female virgins’ experiences of disclosure. *The*

- Canadian Journal of Human Sexuality*, 28(2), 190–202.
<https://doi.org/10.3138/cjhs.2019-0002>
- Gansen, H. M. (2017). Reproducing (and Disrupting) Heteronormativity: Gendered Sexual Socialization in Preschool Classrooms. *Sociology of Education*, 90(3), 255–272.
<https://doi.org/10.1177/0038040717720981>
- García Mingo, E., & Díaz Fernández, S. (2022). Wounded men of feminism: Exploring regimes of male victimhood in the Spanish manosphere. *European Journal of Cultural Studies*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/13675494221140586>
- Gheorghe, R. M. (2023). “Just Be White (JBW)”: Incels, Race and the Violence of Whiteness. *Affilia*. Advance online publication.
<https://doi.org/10.1177/08861099221144275>
- Gheorghe, R. M., & Clement, D. Y. (2023). Weaponized Autism: Making sense of violent internalized ableism in online incel communities. *Deviant Behavior*, 1–15.
<https://doi.org/10.1080/01639625.2023.2268253>
- Ging, D. (2019). Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. *Men and Masculinities*, 22(4), 638–657. <https://doi.org/10.1177/1097184X17706401>
- Ging, D., Lynn, T. G., & Rosati, P. (2020). Neologising misogyny: Urban Dictionary’s folksonomies of sexual abuse. *New Media & Society*, 22(5), 838–856.
<https://doi.org/10.1177/1461444819870306>
- Ging, D., & Siapera, E. (2018). Special issue on online misogyny. *Feminist Media Studies*, 18(4), 515–524. <https://doi.org/10.1080/14680777.2018.1447345>
- Glace, A. M., Dover, T. L., & Zarkin, J. G. (2021). Taking the black pill: An empirical analysis of the “Incel”. *Psychology of Men & Masculinities*, 22(2), 288–297.
<https://doi.org/10.1037/men0000328>
- Grave, R. G., Teixeira, T. R. F., Teixeira, P., Marques, A. M., & Nogueira, C. (2020). A meta-synthesis about the study of men’s sexual behavior through the lens of hegemonic masculinity. *Psicologia*, 34(2), 225–244.
<https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i2.1661>
- Gupta, K. (2015). Compulsory Sexuality: Evaluating an Emerging Concept. *Signs*, 41(1), 131–154. <https://doi.org/10.1086/681774>

- Halpin, M. (2022). Weaponized Subordination: How Incels Discredit Themselves to Degrade Women. *Gender & Society*, 36(6), 813–837. <https://doi.org/10.1177/08912432221128545>
- Halpin, M., Richard, N., Preston, K., Gosse, M., & Maguire, F. (2023). Men who hate women: The misogyny of involuntarily celibate men. *New Media & Society*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/14614448231176777>
- Helm, B., Scrivens, R., Holt, T. J., Chermak, S. M., & Frank, R. (2022). Examining incel subculture on Reddit. *Journal of Crime & Justice*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/0735648x.2022.2074867>
- Hintz, E. A., & Baker, J. (2021). A Performative face theory analysis of online facework by the formerly involuntarily celibate. *International Journal of Communication*, 15, 3047–3066. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/16847>
- Hoffman, B., Ware, J., & Shapiro, E. (2020). Assessing the Threat of Incel Violence. *Studies in Conflict & Terrorism*, 43(7), 565–587. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2020.1751459>
- Jaki, S., Smedt, T. D., Gwózdź, M., Panchal, R., Rossa, A., & Pauw, G. D. (2019). Online hatred of women in the Incels.me forum: Linguistic analysis and automatic detection. *Journal of Language Aggression and Conflict*, 7(2), 240–268. <https://doi.org/10.1075/jlac.00026.jak>
- Jansz, J. (2000). Masculine identity and restrictive emotionality. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and Emotion* (pp. 166–186). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511628191.009>
- Jordan, A. (2019). Masculinities, Crisis and Men's Movements. In *The New Politics of Fatherhood: Men's Movements and Masculinities* (pp. 69–121). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1057/978-1-137-31498-7_3
- Jordan, A., & Chandler, A. (2019). Crisis, what crisis? A feminist analysis of discourse on masculinities and suicide. *Journal of Gender Studies*, 28(4), 462–474. <https://doi.org/10.1080/09589236.2018.1510306>

- Kalish, R., & Kimmel, M. (2010). Suicide by mass murder: Masculinity, aggrieved entitlement, and rampage school shootings. *Health Sociology Review, 19*(4), 451–464. <https://doi.org/10.5172/hesr.2010.19.4.451>
- Kay, J. B. (2021). Abject desires in the age of anger: Incels, femcels and the gender politics of unfuckability. In M. Harrod, S. Leonard, & D. Negra (Eds.), *Imagining “We” in the Age of “I”. Romance and Social Bonding in Contemporary Culture* (pp. 29–46). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003039365-2>
- Kelly, L. (1987). The Continuum of Sexual Violence. In J. Hanmer & M. Maynard (Eds.), *Women, Violence and Social Control* (pp. 46–60). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-1-349-18592-4_4
- Kelly, C. R., & Aunspach, C. (2020). Incels, Compulsory Sexuality, and Fascist Masculinity. *Feminist Formations, 32*(3), 145–172. <https://doi.org/10.1353/ff.2020.0044>
- Kelly, M., DiBranco, A., & DeCook, J. R. (2022). Misogynist Incels and Male Supremacist Violence. In E. K. Carian, A. DiBranco, & C. Ebin, *Male Supremacism in the United States* (pp. 164–180). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003164722-11>
- Kimmel, M. (2013). *Angry white men: American masculinity at the end of an era*. Nation Books.
- Kupers, T. A. (2005). Toxic masculinity as a barrier to mental health treatment in prison. *Journal of Clinical Psychology, 61*(6), 713–724. <https://doi.org/10.1002/jclp.20105>
- Lacalle, C., Gómez, B., & Vicent-Ibáñez, M. (2023). Misogyny and the construction of toxic masculinity in the Spanish Manosphere (Burbuja.info). *Profesional De La Informacion, 32*(2). <https://doi.org/10.3145/epi.2023.mar.15>
- Lamont, E. (2021). The persistence of gendered dating. *Sociology Compass, 15*(11). <https://doi.org/10.1111/soc4.12933>
- Lamoureux, J., & Boislard, M.-A. (2023). Representations of Virgin Young Adult Men in Internet Macro Memes. *Sexuality & Culture, 27*(4), 1527–1555. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10077-z>
- Leroux, A., & Boislard, M.-A. (2023). Exploration of Emerging Adult Virgins’ Difficulties. *Emerging Adulthood, 11*(1), 121–132. <https://doi.org/10.1177/21676968211064109>

- Lilly, M. (2016). *“The World is Not a Safe Place for Men”: The Representational Politics of the Manosphere* [Doctoral Dissertation, University of Ottawa]. University of Ottawa Research. <https://doi.org/10.20381/ruor-5184>
- Lounela, E., & Murphy, S. (2023). Incel violence and victimhood: Negotiating inceldom in online discussions of the Plymouth shooting. *Terrorism and Political Violence*, 1–22. <https://doi.org/10.1080/09546553.2022.2157267>
- Manne, K. (2017). *Down Girl: The Logic of Misogyny*. Oxford University Press.
- Maricourt, C. de, & Burrell, S. R. (2022). #MeToo or #MenToo? Expressions of Backlash and Masculinity Politics in the #MeToo Era. *The Journal of Men’s Studies*, 30(1), 49–69. <https://doi.org/10.1177/10608265211035794>
- Massanari, A. (2017). #Gamergate and The Fappening: How Reddit’s algorithm, governance, and culture support toxic technocultures. *New Media & Society*, 19(3), 329–346. <https://doi.org/10.1177/1461444815608807>
- Maxwell, D., Robinson, S. R., Williams, J. R., & Keaton, C. (2020). “A Short Story of a Lonely Guy”: A Qualitative Thematic Analysis of Involuntary Celibacy Using Reddit. *Sexuality & Culture*, 24(6), 1852–1874. <https://doi.org/10.1007/s12119-020-09724-6>
- Menzie, L. (2022). Stacys, Beckys, and Chads: The construction of femininity and hegemonic masculinity within incel rhetoric. *Psychology & Sexuality*, 13(1), 69–85. <https://doi.org/10.1080/19419899.2020.1806915>
- Messerschmidt, J. W. (2018). Hegemonic masculinity: Formulation, reformulation, and amplification. Rowman & Littlefield.
- Messerschmidt, J. W. (2019). The Saliency of “Hegemonic Masculinity”. *Men and Masculinities*, 22(1), 85–91. <https://doi.org/10.1177/1097184X18805555>
- Messerschmidt, J. W., & Messner, M. A. (2018). Hegemonic, Nonhegemonic, and “New” Masculinities. In J. W. Messerschmidt, J. W. Messerschmidt, M. A. Messner, R. Connell, P. Y. Martin, & P. Y. Martin (Eds.), *Gender Reckonings* (pp. 35–56). New York University Press. <https://doi.org/10.18574/nyu/9781479866342.003.0006>
- Moskalenko, S., González, J. F.-G., Kates, N., & Morton, J. (2022). Incel Ideology, Radicalization and Mental Health: A Survey Study. *The Journal of Intelligence, Conflict, and Warfare*, 4(3), 1–29. <https://doi.org/10.21810/jicw.v4i3.3817>

- Moskos, M. (2020). Why is the gender revolution uneven and stalled? Gender essentialism and men's movement into 'women's work'. *Gender, Work & Organization*, 27(4), 527–544. <https://doi.org/10.1111/gwao.12406>
- Murray, S. H. (2018). Heterosexual Men's Sexual Desire: Supported by, or Deviating from, Traditional Masculinity Norms and Sexual Scripts? *Sex Roles*, 78(1), 130–141. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0766-7>
- Oliveira, P. P. M. de. (2000). Crises, valores e vivências da masculinidade. *Novos Estudos*, 1(56), 89–110.
- O'Malley, R. L., Holt, K., & Holt, T. J. (2022). An Exploration of the Involuntary Celibate (Incel) Subculture Online. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7–8), NP4981–NP5008. <https://doi.org/10.1177/0886260520959625>
- O'Neill, R. (2018). *Seduction: Men, masculinity, and mediated intimacy*. Polity.
- Osuna, A. I. (2023). Leaving the Incel Community: A Content Analysis. *Sexuality & Culture*. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10143-6>
- Pascoe, C. J. (2007). *Dude, you're a fag: Masculinity and sexuality in high school*. University of California Press.
- Pascoe, C. J., & Hollander, J. A. (2016). Good Guys Don't Rape: Gender, Domination, and Mobilizing Rape. *Gender & Society*, 30(1), 67–79. <https://doi.org/10.1177/0891243215612707>
- Pelzer, B., Kaati, L., Cohen, K., & Fernquist, J. (2021). Toxic language in online incel communities. *SN Social Sciences*, 1(213). <https://doi.org/10.1007/s43545-021-00220-8>
- Pina, A., Bell, A., Griffin, K., & Vasquez, E. (2021). Image Based Sexual Abuse proclivity and victim blaming: The role of dark personality traits and moral disengagement. *Oñati Socio-Legal Series*, 11(5), 1179–1197. <https://opo.ijsj.net/index.php/osls/article/view/1183>
- Pražmo, E. (2020). Foids are worse than animals. A cognitive linguistics analysis of dehumanizing metaphors in online discourse. *Topics in Linguistics*, 21(2), 16–27. <https://doi.org/10.2478/topling-2020-0007>

- Preston, K., Halpin, M., & Maguire, F. (2021). The Black Pill: New Technology and the Male Supremacy of Involuntarily Celibate Men. *Men and Masculinities*, 24(5), 823–841. <https://doi.org/10.1177/1097184X211017954>
- Puhrmann, A., & Schlaerth, C. A. (2023). Taking the “Black Pill”: Anomie, perceived social death, and the Incel phenomenon online. *Deviant Behavior*. <https://doi.org/10.1080/01639625.2023.2263613>
- Regehr, K. (2022). In(ce)l doctination: How technologically facilitated misogyny moves violence off screens and on to streets. *New Media & Society*, 24(1), 138–155. <https://doi.org/10.1177/1461444820959019>
- Roberts, S., & Elliott, K. (2020). Challenging dominant representations of marginalized boys and men in critical studies on men and masculinities. *Boyhood Studies*, 13(2), 87–104. <https://doi.org/10.3167/bhs.2020.130207>
- Rothermel, A.-K., Kelly, M., & Jasser, G. (2022). Of Victims, Mass Murder, and “Real Men”: The Masculinities of the «Manosphere». In E. K. Carian, A. DiBranco, & C. Ebin, *Male Supremacism in the United States* (pp. 117–141). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003164722-9>
- Santos, L. (2015). Homens e expressão emocional e afetiva: Vozes de desconforto associadas a uma herança instituída. *Configurações*, 15, 31–48. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2593>
- Schmitz, R. M., & Kazyak, E. (2016). Masculinities in Cyberspace: An Analysis of Portrayals of Manhood in Men’s Rights Activist Websites. *Social Sciences*, 5(2). <https://doi.org/10.3390/socsci5020018>
- Schrock, D., & Schwalbe, M. (2009). Men, Masculinity, and Manhood Acts. *Annual Review of Sociology*, 35(1), 277–295. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-070308-115933>
- Scotto di Carlo, G. (2023). An analysis of self-other representations in the incelosphere: Between online misogyny and self-contempt. *Discourse & Society*, 34(1), 3–21. <https://doi.org/10.1177/09579265221099380>
- Seymour, K. (2017). “Stand up, speak out and act”: A critical reading of Australia’s White Ribbon campaign. *Australian and New Zealand Journal of Criminology*, 51(2), 293–310. <https://doi.org/10.1177/0004865817722187>

- Sharkey, G. (2022). Failure to thrive: Incels, boys and feminism. *Continuum*, 36(1), 37–51. <https://doi.org/10.1080/10304312.2021.1958160>
- Siegel, R. (1997). Why Equal Protection No Longer Protects: The Evolving Forms of Status-Enforcing State Action. *Stanford Law Review*, 49(5), 1111–1148. <https://doi.org/10.2307/1229249>
- Solea, A. I., & Sugiura, L. (2023). Mainstreaming the Blackpill: Understanding the Incel Community on TikTok. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 29(3), 311–336. <https://doi.org/10.1007/s10610-023-09559-5>
- Sparks, B., Zidenberg, A. M., & Olver, M. E. (2022). Involuntary Celibacy: A Review of Incel Ideology and Experiences with Dating, Rejection, and Associated Mental Health and Emotional Sequelae. *Current Psychiatry Reports*, 24(12), 731–740. <https://doi.org/10.1007/s11920-022-01382-9>
- Sparks, B., Zidenberg, A. M., & Olver, M. E. (2023). One is the loneliest number: Involuntary celibacy (incel), mental health, and loneliness. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-04275-z>
- Speckhard, A., & Ellenberg, M. (2022). Self-reported psychiatric disorder and perceived psychological symptom rates among involuntary celibates (incels) and their perceptions of mental health treatment. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, 1–18. <https://doi.org/10.1080/19434472.2022.2029933>
- Srinivasan, A. (2018). Does anyone have the right to sex? *London Review of Books*, 40(06). <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v40/n06/amia-srinivasan/does-anyone-have-the-right-to-sex>
- Stern, E., Cooper, D., & Greenbaum, B. (2015). The Relationship Between Hegemonic Norms of Masculinity and Men’s Conceptualization of Sexually Coercive Acts by Women in South Africa. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(5), 796–817. <https://doi.org/10.1177/0886260514536275>
- Stijelja, S., & Mishara, B. L. (2022). Psychosocial Characteristics of Involuntary Celibates (Incels): A review of empirical research and assessment of the potential implications of research on adult virginity and late sexual onset. *Sexuality and Culture*, 27(2), 715–734. <https://doi.org/10.1007/s12119-022-10031-5>

- Sugiura, L. (2021a). *The incel rebellion: The rise of the manosphere and the virtual war against women*. Emerald Publishing Limited.
- Sugiura, L. (2021b). ‘Women Get Away with the Consequences of Their Actions with a Pussy Pass’: Incel’s Justifications for Misogyny. In A. Powell, A. Flynn, & L. Sugiura (Eds.), *The Palgrave Handbook of Gendered Violence and Technology* (pp. 355–373). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-83734-1_18
- Thorburn, J. (2023). Exiting the Manosphere. A Gendered Analysis of Radicalization, Diversion and Deradicalization Narratives from *r/IncelExit* and *r/ExRedPill*. *Studies in Conflict & Terrorism*. <https://doi.org/10.1080/1057610X.2023.2244192>
- Thorburn, J., Powell, A., & Chambers, P. (2023). A world alone: Masculinities, humiliation and aggrieved entitlement on an incel forum. *The British Journal of Criminology*, 63(1), 238–254. <https://doi.org/10.1093/bjc/azac020>
- Tillman, K. H., Brewster, K. L., & Holway, G. V. (2019). Sexual and Romantic Relationships in Young Adulthood. *Annual Review of Sociology*, 45(1), 133–153. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-073018-022625>
- Tranchese, A., & Sugiura, L. (2021). “I Don’t Hate All Women, Just Those Stuck-Up Bitches”: How Incels and Mainstream Pornography Speak the Same Extreme Language of Misogyny. *Violence Against Women*, 27(14), 2709–2734. <https://doi.org/10.1177/1077801221996453>
- Vallerga, M., & Zurbriggen, E. L. (2022). Hegemonic masculinities in the ‘Manosphere’: A thematic analysis of beliefs about men and women on The Red Pill and Incel. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 22(2), 602–625. <https://doi.org/10.1111/asap.12308>
- Vandello, J. A., Bosson, J. K., Cohen, D., Burnaford, R. M., & Weaver, J. R. (2008). Precarious manhood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(6), 1325–1339. <https://doi.org/10.1037/a0012453>
- Venäläinen, S. (2020). Reversing Positions: Constructions of Masculine Victimhood in Online Discussions about Intimate Partner Violence Committed by Women. *Men and Masculinities*, 23(3–4), 772–787. <https://doi.org/10.1177/1097184X18824374>

- Venäläinen, S. (2022). Nobody cares for men anymore: Affective-discursive practices around men's victimisation across online and offline contexts. *European Journal of Cultural Studies*, 25(4), 1228–1245. <https://doi.org/10.1177/13675494211021097>
- Vito, C., Admire, A., & Hughes, E. (2017). Masculinity, aggrieved entitlement, and violence: considering the Isla Vista mass shooting. *Norma*, 13(2), 86–102. <https://doi.org/10.1080/18902138.2017.1390658>
- Waling, A. (2019). Problematising 'Toxic' and 'Healthy' Masculinity for Addressing Gender Inequalities. *Australian Feminist Studies*, 34(101), 362–375. <https://doi.org/10.1080/08164649.2019.1679021>
- Wedgwood, N., Connell, R., & Wood, J. (2023). Deploying hegemonic masculinity: A study of uses of the concept in the journal *Psychology of Men & Masculinities*. *Psychology of Men & Masculinities*, 24(2), 83–93. <https://doi.org/10.1037/men0000417>
- Zapcic, I., Fabbri, M., & Karandikar, S. (2023). Using Reddit as a Source for Recruiting Participants for In-Depth and Phenomenological Research. *International Journal of Qualitative Methods*, 22. <https://doi.org/10.1177/16094069231162674>
- Zimmerman, S. (2022). The Ideology of Incels: Misogyny and Victimhood as Justification for Political Violence. *Terrorism and Political Violence*. <https://doi.org/10.1080/09546553.2022.2129014>
- Zimmerman, S. (2023). Dangerous Misogyny of the Digital World: The Case of the Manosphere. In E. Kath, J. C. H. Lee, & A. Warren (Eds.), *The Digital Global Condition* (pp. 107–131). Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-981-19-9980-2_5

ANEXO 1. Divulgação do Estudo

Convite à participação numa investigação

No âmbito da minha dissertação de mestrado, procuro pessoas que se identificam ou tenham identificado como Incels/Celibatários Involuntários e que estão dispostas a participar numa entrevista. O propósito é ouvir as vossas experiências pessoais.

Os requisitos são: ser Incel ou Ex-Incel; ser homem cisgénero; ter idade igual ou superior a 18 anos; ser de nacionalidade portuguesa ou residente em Portugal há mais de 10 anos. As entrevistas podem ocorrer via chamada online ou por mensagem privada.

Caso tenham interesse em participar ou tenham dúvidas acerca da investigação, podem enviar mensagem privada.



ANEXO 2. Guião da Entrevista

Agradeço a sua disponibilidade e colaboração neste estudo. É de salientar, novamente, que a sua identidade não será divulgada em nenhum momento.

Esta investigação tem como propósito compreender o modo como *Incels* e antigos *Incels* vivenciam as suas masculinidades. É possível que as suas experiências e opiniões sejam distintas das de outros e, por esse motivo, a sua participação constitui uma mais-valia para este estudo. Neste sentido, gostaria que partilhasse comigo algumas das suas experiências pessoais.

Dados sociodemográficos

1. Nome/Pseudónimo.
2. Idade.
3. Residência (cidade/vila/urbano/rural).
4. Orientação sexual.
5. Escolaridade.
6. Empregabilidade.
7. Outro aspeto sociodemográfico que considere importante partilhar (e.g., uma formação ou curso, etc.).
8. (caso seja Ex-*Incel*) Estado civil/Relacionamento íntimo.

Entrevista

1. No seu entendimento, o que é ser um homem na sociedade portuguesa? O que é para si ser masculino?
2. Considera que os homens se sentem pressionados a corresponder a alguma ideia de masculinidade?
 - a. Se sim, como ocorrem estas pressões?
 - b. Considera que estas expectativas têm mudado ao longo dos tempos?
3. Considera-se masculino?
4. Acha que existem homens que se consideram mais masculinos do que outros?
 - a. Se sim, de que modo se afirmam em relação aos outros?

- b. Como acha que serão as vivências dos homens que são considerados menos masculinos?
5. Pode-me contar um pouco acerca do que significa para si ser *Incel*?
6. Pode-me falar sobre o momento ou período em que descobriu os *Incels*?
 - a. Como e quando aconteceu?
7. Quando começou a identificar-se como *Incel*?
 - a. Pode explicar como foi esse processo de identificação?
 - b. Em particular, quais foram os motivos ou experiências que o levaram a identificar-se como *Incel*?
 - c. Partilhou com alguém essa identificação?
8. Considera que ser *Incel* moldou o modo como se relaciona com outros?
 - a. Gostava que partilhasse comigo alguma das suas experiências.
 - b. De que modo lidou com essas experiências?
 - c. Partilhou essas experiências com alguém?
9. Considera que ser *Incel* é uma circunstância de vida ou uma condição permanente e imutável?
 - a. Caso acredite que se trata de uma circunstância, acredita que existe algo que possa fazer para modificar a sua situação? Se sim, o quê?
10. Está familiarizado com o conceito de *blackpill*?
 - a. Identifica-se com a *blackpill*?
 - b. Quais considera que são os efeitos de acreditar na *blackpill*?
 - c. Considera que existem vantagens/desvantagens em acreditar na *blackpill*, por oposição à *redpill*? Se sim, quais?
11. Várias pessoas na comunicação social e na internet têm uma opinião relativamente ao que significa ser *Incel*. Considera que as pessoas têm concepções equivocadas/erradas sobre o que significa ser *Incel*?
 - a. Se sim, quais?
 - b. Porquê?
12. Na sua opinião, existe algo que possa melhorar a sua situação?
 - a. Se sim, o quê?

13. As noções/categorias de “homem” e “mulher” fazem sentido para si?
 - a. Existem diferenças entre ser um homem ou uma mulher?
 - b. Existem coisas que não possa fazer enquanto homem?
 - c. Existem coisas que só as mulheres podem fazer?
14. Se for o caso, descreva como gostaria que as expectativas sociais acerca da masculinidade fossem diferentes.
 - a. Qual seria o seu conceito ideal de masculinidade?
 - b. Como é que isso o afetaria?
15. Como seria um mundo ideal para um homem?
16. Pode pensar numa questão que gostaria que eu colocasse aos outros participantes?
 - a. Como responderia a essa questão?
17. Deseja acrescentar mais alguma informação?
18. Para finalizar, pode falar acerca do que sentiu ao realizar esta entrevista? O que o levou a aceitar esta entrevista?

Muito obrigada pela sua colaboração.

Relembro que este estudo é para fins académicos e que a sua identidade não será divulgada em nenhum momento.

ANEXO 3. Consentimento Informado

A presente investigação realiza-se no âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia da Justiça e da Desviância, pela estudante Mariana Domingues, sob a orientação da Professora Doutora Sara Magalhães, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O estudo tem como objetivo compreender a relação entre as masculinidades e a autoidentificação como celibatário involuntário (*Incel*), contemplando homens cisgénero com idades iguais ou superiores a 18 anos.

Neste sentido, será efetuada uma entrevista semiestruturada em formato online. Todos os dados recolhidos são estritamente confidenciais, sendo garantido o seu sigilo e anonimato, de acordo com as disposições do Regulamento Geral de Proteção de Dados, em vigor desde o dia 25 de maio de 2018. Adicionalmente, as informações recolhidas destinam-se, exclusivamente, ao âmbito académico, podendo ser posteriormente utilizadas para efeitos de publicação científica, com a garantia da manutenção do sigilo e anonimato dos participantes. Os participantes poderão ter acesso à transcrição da sua entrevista, bem como às publicações resultantes desta investigação.

A participação nesta investigação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Após a participação, é possível contactar a investigadora através do correio eletrónico investigacaoincel@gmail.com para o esclarecimento de questões derivadas da investigação, sugestões ou caso pretenda falar com um profissional.

ANEXO 4. Glossário

Ascender: Abandonar o Inceldom e ter acesso a relações sexuais. Alguns Incels consideram que estas relações sexuais não devem ser pagas (por exemplo, recorrer a trabalho sexual).

Blackpill: Filosofia que preconiza que o sucesso sexual e/ou romântico de uma pessoa é influenciado pela sua atratividade física e, portanto, é determinado à nascença. Deste modo, homens “geneticamente inferiores” não podem ter acesso a relacionamentos sexuais e românticos.

Bluepill: Uma pessoa que “engole” a Bluepill permanece num estado de ignorância e não compreende que a sociedade discrimina os homens e não as mulheres.

Chad: Arquétipo do macho alfa, que é favorecido pela sociedade devido à sua aparência, genética, estrutura óssea, cabelo e altura, entre outros aspetos.

Efeito de halo: Tendência inconsciente de avaliar uma pessoa atraente como inocente e atribuir-lhe características positivas, como honestidade, talento e inteligência.

Femcels: Mulheres que experienciam o celibato involuntário. De acordo com alguns Incels, as mulheres não podem ser Incels (apenas “volcels” = voluntariamente celibatárias).

Hipergamia: Crença de que as mulheres são evolutivamente predeterminadas a casar-se com homens superiores. Segundo esta perspetiva, as mulheres são mais seletivas na busca de um parceiro sexual e substituem os parceiros sexuais atuais por homens fisicamente mais atraentes e/ ou com melhores condições socioeconómicas, entre outros aspetos.

Hope, cope and rope: Refere-se a estratégias para melhorar as suas circunstâncias (“hope”), mecanismos de coping para lidar com a situação (“cope”) e cometer o suicídio (“rope”). Outra opção é o Lay Down and Rot (LDAR) que tem como comportamentos aceitáveis navegar nas comunidades destinadas a Incels, assistir a pornografia, evitar contacto humano e permanecer na cama.

Inceldom: Condição de ser Incel.

Lookism(o): Discriminação em função da atratividade física.

Manosfera: Conceito guarda-chuva que engloba comunidades online antifeministas, misóginas e masculinistas. Embora composta por diversos grupos dispersos, destacam-se os Men's Rights Activists (MRAs), Men Going Their Own Way (MGTOW), Pick-Up Artists (PUA) e Incels.

Men Going Their Own Way (MGTOW): Grupo da manosfera que defende que os homens devem rejeitar relações com mulheres, inclusive relacionamentos românticos.

Men's Rights Activists (MRAs): Grupo da manosfera que advoga por mudanças legais e políticas que promovam os interesses dos homens.

Normie: Pessoa que não pertence à comunidade Incel.

Pick-Up Artists (PUAs): Grupo da manosfera que se orienta pela Redpill. O seu objetivo é maximizar o número de mulheres com as quais têm relações sexuais através de técnicas para manipular as mulheres.

Redpill: Uma pessoa que “engole” a redpill desperta para o “mundo real”, um mundo em que as mulheres são privilegiadas e estão em vantagem face aos homens.

Roastie: Termo utilizado para descrever uma mulher sexualmente ativa. Parte da premissa de que os órgãos genitais das mulheres mudam de forma devido às relações sexuais.

SEAMaxxing/ South-East-Asia-Maxx: Procura de uma parceira sexual e/ou romântica no Sudeste Asiático. Baseia-se na premissa de que as mulheres nesses países preferem homens brancos.

Stacy: Mulher ideal que consegue assegurar relações sexuais com o Chad.

Truecel: Pessoa que é realmente Incel e que está destinada ao celibato involuntário permanente devido a características inalteráveis que possuem.

Valor no Mercado Sexual: Termo da manosfera que descreve o nível de atratividade de alguém no mercado sexual. É determinado pela aparência física, mas também pelo poder monetário, estatuto e competências sociais.